Commissão de Linhas Telegraphicas Estrategicas de Matto-Grosso ao Amazonas

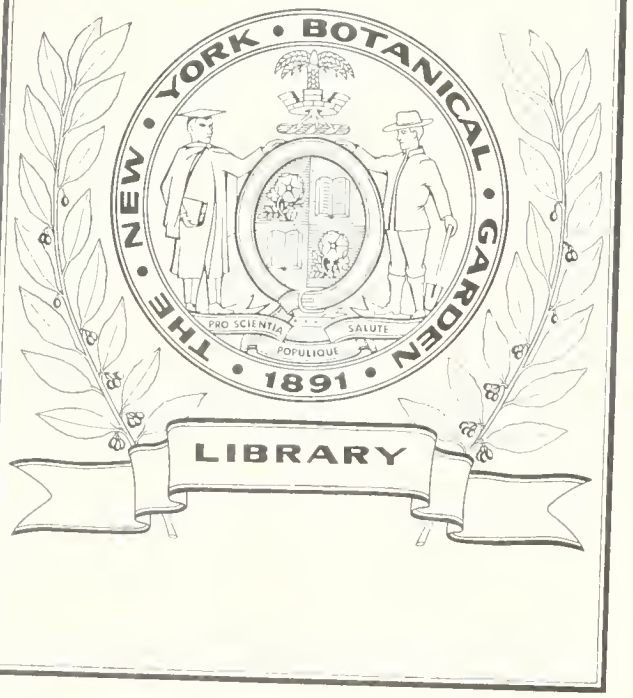
(Publicação n.º 49)

A Commissão Rondon e o Museu Nacional

(Conferencias realizadas pelo Professor ALIPIO DE MIRANDA RIBEIRO, no Museu Nacional do Rio de Janeiro, em 1916)

RIO DE JANEIRO
Luiz Macedo & C. — Rua da Quitanda, 74

F2515
.R6
R5


THE NEW YORK BOTANICAL GARDEN
PRO SCIENTIA
SALUTE
POPULIQUE
1891
LIBRARY

A Commissão Rondon e o Museu Nacional

CONFERENCIAS

POR

Alipio de Miranda Ribeiro

LIBRARY
NEW YORK
BOTANICAL
GARDEN

1ª Conferencia

Trabalhos da Commissão Rondon

no

Campo das Sciencias Naturaes

A Commissão Rondon e o Museu Nacional

I

Motivo da conferencia=Trabalhos da Commissão no Campo das Sciencias Naturaes [1]

PRECLARO AUDITORIO: Quando volveu da conclusão da Linha Telegraphica de Matto-Grosso ao Amazonas, em 1914, o Coronel d'Engenheiros, Candido Mariano da Silva Rondon, fallou-me o Dr. Roquette Pinto sobre a conveniencia do Museu Nacional prestar uma homenagem áquelle benemerito concidadão, dizendo-se decidido á pleitear esse intento junto á directoria do Museu; respondi-lhe, apoiando a idéa, que essa homenagem poderia ser traduzida n'uma serie de conferencias feitas por aquellas secções em débito para com o Coronel Rondon.

Embóra, então, cuidassemos do assumpto, coube ao Dr. Bruno Lobo, ha pouco nomeado director d'esta casa, protegel-o; e eis porque, após as brilhantes e agradaveis dissertações de meus collegas — Dr. Edgard Rouquette Pinto e Snr. Alberto José de Sampaio, aqui me acho hoje, pedindo alguns momentos á vossa attenção.

Fallar em Candido Mariano da Silva Rondon não é facil, eu o confesso: não que os aspectos sympathicos pelos quaes elle se nos apresenta deixem de ser todos os aspectos pelos quaes o quizessemos analyzar; mas os aspectos de Rondon são multiplos, constituem elementos para estudos mais demorados e abrangem assumptos alheios aos fins d'esta casa e... do meu campo de acção.

Demais, as minhas passadas funcções de zoologo da Commissão Rondon, durante a expedição de 1908 á 1909 que varou os sertões brasileiros, do Juruena ao Madeira; as minhas actuaes funcções *honorarias* junto d'essa

(1) Orthographia e revisão do autor. Escriptorio Central, 6/XII/1920.

Commissão, em que tenho em mãos ou superintendo trabalhos de Historia Natural ainda não concluidos, difficultam o caso e me forçam á procurar um assumpto que não infrinja as leis da disciplina moral das minhas responsabilidades para com o meu grande amigo, não antecipe o seu juizo de chefe, irrompendo em indiscripções de assumptos que tenham de ser apresentados ao seu julgamento.

D'ahi o meu thema — a relação entre o trabalho de Rondon, na Commissão de Linhas Telegraphicas Estrategicas de Matto-Grosso ao Amazonas, no campo das sciencias naturaes e o estabelecimento que, na União, é destinado ao cultivo e desenvolvimento d'essas sciencias.

Comecemos:

O artigo XV das «instrucções» baixadas pelo Ministerio da Viação e assignadas pelo Dr. J. F. Soares Filho, approvadas com a portaria de 4 de Março de 1907, do Ministro Dr. Miguel Calmon du Pin e Almeida, de accôrdo com a lettra *b* do n.º XXI do Art.º 53 — da lei n.º 1.617 de Dezembro de 1907, estabelecia que a Commissão Rondon faria o estudo:

— Da região — sob pontos de vista diversos e — *dos productos extractivos d'esta*, principalmente os mineraes. —

D'aquelle anno ao presente momento, teve a Commissão esses estudos distribuidos do seguinte módo:

TRABALHOS DE CAMPO

1907 á 1908

ETHNOGRAPHIA E GEOLOGIA — Dr. Karl Carnier

1908 á 1910

GEOLOGIA E MINERALOGIA . — Dr. Cicero de Campos
BOTANICA . . . . . — Frederico Carlos Hoehne
ZOOLOGIA . . . . . — Alipio de Miranda Ribeiro
ETHNOGRAPHIA . . . . . — Dr. Candido Mariano Rondon

1910 á 1912

GEOLOGIA E MINERALOGIA . — Dr. Moritz
BOTANICA . . . . . — Fred. Carlos Hoehne
ZOOLOGIA . . . . . — Frederico Carlos Hoehne e irmãos Kuhlmann
ETHNOGRAPHIA . . . . . — Drs. C. M. Rondon e Roquette Pinto

1913 á 1914

GEOLOGIA E MINERALOGIA . — Dr. Euzebio de Oliveira
BOTANICA . . . . . — Fred. Carlos Hoehne
ZOOLOGIA . . . . . — Fred. Carlos Hoehne, Arnaldo Black de Sant'Anna e H. Reinisch
Tte. Antonio Pyrineus de Souza e E. Stolle
ETHNOGRAPHIA . . . . . — Dr. Rondon

1914 á 1915

BOTANICA . . . . . — F. C. Hoehne
ZOOLOGIA . . . . . — Dr. Candido Mariano Rondon e E. Stolle; Tte. Antonio Pyrineus de Souza e Antenor Pires; Julio H. Barbosa (Arinos) e João Geraldo Kuhlmann; Tte. Vasconcellos e Dr. Serapião dos Santos
ETHNOGRAPHIA . . . . . — Dr. Rondon.

A elaboração do material colhido tem ficado á cargo, óra de algumas das pessoas supramencionadas, óra, ao contrario, de especialistas estranhos á Commissão.

Entre uns e outros podemos referir já — o Dr. Karl Carnier (de Berlin), os Drs. Alberto Betim Paes Leme e Euzebio de Oliveira que se têm occupado da Geologia e Mineralogia; Frederico Carlos Hoehne, o Dr. Alfredo Cogniaux (da Belgica), o Dr. Harms (de Berlin) que se têm occupado da Botanica; o Snr. Carlos Moreira, os Drs. Hermann von Jhering e Adolpho Lutz e o conferencista de hoje, todos tratando de Zoologia; os Drs. Candido Mariano Rondon e Edgard Roquette Pinto que têm tratado da Anthropologia.

Outros especialistas ha trabalhando em grupos dados d'esta ou d'aquella materia — os seus nomes, entretanto, não são ainda referidos porque ainda não remetteram os resultados dos trabalhos que quizeram tomar á si. E' tambem provavel que todos ou uma parte dos que accorreram ao primeiro appello tenham novas incumbencias — isso, porém, é materia que só o desdobramento do trabalho poderá regular.

Não é fóra de proposito lembrar aqui, o módo criterioso e sábio da Commissão Rondon, documentando as suas asseverações. Cada um de vós que me ouvis, poderá examinar, péça por péça, os elementos que figuram n'esse monumento erigido pela sabedoria do Coronel Rondon. Cada um dos nossos tétranétos poderá commentar, com os objectos colligidos hoje pela Commissão, as palavras guardadas pela escripta dos relatorios publicados.

Esse papel *parcial dos Museus* aqui reconhecido e proclamado pelo Chefe da Commissão, deve causar assombro, porque, infelizmente estamos habituados ao contrario.

Quantas Commissões brasileiras anteriores á Rondon e mesmo tratando de historia natural, procederam desse módo, em cem annos que a União possue um Museu para esse estudo? Que eu saiba — tres: A Commissão Freire Allemão, unica abrangendo as funcções d'este Museu que se aventurou á partir para as mattas do temeroso Brasil; e as Commissões Hartt e Crulz. Esta teve organização quasi identica para o estudo da natureza, foi — a Commissão do Planalto Central.

Eu vi, na sala anterior do pavimento terreo do edificio dos Telegraphos a prova do esforço do geologo e do botanico. Onde está o material colhido? Sei, apenas que 500 plantas entraram para o Museu.

Ficarão diminuidos, senão de todo perdidos os extensos relatorios que aquella Commissão publicou sobre esse assumpto, se as provas materiaes não foram archivadas. Quer isto dizer que, ainda ahi, o Estado lançou fóra, inutilmente, dinheiros publicos.

PUBLICAÇÕES

Já vos fallei do pessoal que agio no campo; disse tambem os nomes dos especialistas que elaboraram uma parte do material, devo mostrar, então, em que consistio essa elaboração já publicada.

Mineralogia e Geologia

O Snr. Karl Carnier apresentou o seu estudo baseado, segundo declara, em observações superficiaes, feitas durante a marcha — observações, além disso, incompletas pela perda de uma parte de sua bagagem, inclusive um dos diarios.

Comtudo, das suas notas — Observações Geologicas — Geographicas e Ethnographicas sobre a viagem de exploração de Cuyabá á Serra do Norte, passando por S. Luiz de Caceres —, deprehende-se ter o Snr. Carnier percorrido a região de Cuyabá á Caceres e de Caceres á Utiarity e Campos Novos da Serra do Norte. Podemos precisar, mesmo, ter sido Ultimo Acampamento da trajectoria de 1907 da Commissão Rondon, o ultimo ponto visitado pelo Snr. Carnier.

Todo esse vasto trêcho elle o considera em tres secções; a primeira comprehendida entre os rios Cuyabá e Paraguay, até a estrada d'essas duas cidades; a segunda entre o Paraguay e a Serra dos Parecis — pelo percurso do rio Sepotuba; e a terceira d'essa serra até o Juruena, pela bacia do rio Verde até o Salto Bello e d'ahi á Campos Novos da Serra do Norte.

Em synthese, considera elle a primeira e a segunda zona pre-devonianas e a terceira devoniana; tendo reconhecido rochas eruptivas no Salto do Sepotuba, baseado não sómente no facto de ter encontrado nos leitos dos riachos entulhos graniticos, phosphitos, quartzo e abetarda, como porque as jazidas des as rochas eruptivas estão proximas dos mesmos riachos.

De fosseis — apenas uma folha — «impressão aliás sem valor algum».

Não sei se o Snr. Carnier colleccionou; nem se deixou no Serviço Geologico material sobre que fundamentou as suas «observações». Não me consta que a Commissão Rondon tenha noticias de material por elle colhido, nem tampouco que o Serviço Geologico haja feito communicação n'esse sentido; o Snr. Carnier fôra incorporado á Commissão á instancia do Dr. Orville Derby.

O Dr. Cicero de Campos não teve a fortuna de concluir o seu trabalho; fallecendo ao chegar á Caceres, quando buscava um porto no rio Paraguay onde embarcasse para o Rio de Janeiro, de volta de Juruena, logar em que enfermou. Cicero teve, tambem, perdas de material e apontamentos, n'um naufragio no rio Sepotuba.

O Coronel Rondon encarregou ao Dr. Alberto Betim Paes Leme de aproveitar todos os apontamentos deixados pelo mallogrado engenheiro, encargo de que o Dr. Betim se desobrigou de módo brilhante ,com o relatorio que terminou á 1 de Fevereiro de 1911 — «Annexo n.º 5 — Historia Natural — Mineralogia e Geologia.

Cicero de Campos teve mais ensejos de effectuar caminhamentos de Oeste para Éste e vice-versa, na zona que vae de Caceres á Cuyabá e Diamantino á Juruena, do que o Snr. Carnier, o que quer dizer que elle poude caminhar mais vezes no sentido transversal da apresentação das rochas ali.

Na parte topographica da synthese feita pelo Dr. Betim encontra-se o planalto Parecis limitado ao Sul por uma linha encarpada — «degráo de grés» primeiro vermelho e depois amarellado. A formação da Serra de Tapirapoan teve por consequencia um derrame eruptivo de diabase, emquanto que a serra da Chapada, constituida de grés vermelho, foi grandemente entalhada pelá erozão.

No planalto Parecis propriamente dito, inclinado para o N., um phenomeno interessante é Ponte de Pedra, próva da erozão e um verdadeiro arco produzido pelo trabalho do rio Xacuruiná.

O Dr. Cicero explica a formação d'esses arcos pela erosão atravez das dyaclases ou falhas apresentadas pelo grés. E liga aos derrames eruptivos a causa fertilizadora das regiões em que elles se encontrem.

Das cadernetas o Dr. Betim extrahíu dous caminhamentos que, apezar de serem, em realidade, expeditos, nem por isso deixam de constituir o primeiro levantamento geologico da região percorrida.

A synthese geologica do Dr. Betim deixa o primeiro triangulo do Dr. Carnier Pré-Devoniano, a serra da Chapada Devoniana, emquanto o grés do Cambambe permanece em duvida como triasio, e a bácia do Sepotuba, o valle do Paraguay proximo á Tapirapoan e essa serra, elle suppõe serem de edade menor, em face do exame petrographico revellar o desapparecimento do caracter crystallino das rochas sedimentares.

A duvida do Dr. Betim sobre o grés de Cambambe é produzida pela referencia de Cicero á uma ossada ahi encontrada, á 48 kilometros do Norte da Chapada: — «consta-me terem sido esses ossos enviados á Inglaterra e me disseram terem sido elles classificados como provenientes d'um Dinosauro». — E Cicero referia á formação permiana esse mesmo grés. Óra, a existencia de tal ossada me foi revellada pelo Snr. Dr. Antonio Corrêa da Costa, engenheiro residente n'esta cidade, irmão dos Drs. Pedro Celestino e Jonas Corrêa da Costa), ainda á bordo do «Javary» do Lloyd Brasileiro; e eu não a fui buscar, embora se tratasse de paleontologia, porque Cicero se encarregou

da tarefa e executou-a, indo antes ás Flexinhas buscar uma outra ossada ali existente. Os caixotes d'esta passaram por mim em Jacobina e foram, mais tarde, remettidos para o Serviço Geologico onde os procurei, juntamente com os restos do Cambambe. A' minha carta de 9 de Março de 1910 respondeu-me o fallecido Dr. Orville Derby como se segue: — Serviço Geologico e Mineralogico do Brazil — Rio de Janeiro, 11 de Março de 1910 — Illm.º Snr. Alipio de Miranda Ribeiro M. D. Zoologo da Commissão Rondon. Accuso recebida sua carta de 9 do corrente que respondo. Os volumes contendo amostras de rochas e fosseis remettidos á este Serviço pelo engenheiro Cicero de Campos, foram abertos e examinados por mim com o fim de verificar qual o valor scientifico do seu conteúdo que se reduzia á poucos fragmentos de ossos, que foram remettidos, juntamente com os outros, ao Director da Secção de Vertebrados fosseis do Museu Britanico, Dr. A. Smith Woodward, para serem estudados. O Dr. Woodward já communicou por carta que os ossos são de um Dinosauro gigantesco, da edade mesozoica, mas insufficientes para uma determinação mais minuciosa. Opportunamente as amostras remettidas pelo Serviço ao Museu Britanico serão devolvidas e então estarão ás suas ordens, como estão egualmente as que ficaram aqui, as quaes, porém, á meu ver, não valem o trabalho de os levar para fóra d'esta repartição. Com a mais elevada consideração, etc. Orville A. Derby, Chefe do Serviço Geologico e Mineralogico do Brasil.

Diz o Dr. Betim que dos ossos das Flechas não tem noticias; eu penso que d'uma ou d'outra procedencia inda poderia ser obtido algum resultado bom, caso se quizesse ali ir, de novo colleccionar, pois que, conforme o proprio Cicero me informou, não puderam ser completas as suas excavações e muita cousa lá ficou.

Voltando ao fio das nossas considerações, verificamos que os trabalhos geologicos da Commissão, quer pelo que os seus funccionarios fizeram, quer pelo que o Coronel encarregou ao Dr. Betim de fazer — já trazem uma sensivel modificação quanto aos conhecimentos de até ha pouco, sobre essa grandiosa zona brasileira que se chama Matto-Grosso.

Creio ser a primeira synthese da geologia d'esse estado — senão a de todo Brasil, o mappa aqui presente e que encontrei ao lado da mascara de Napoleão I, sob um monte de peanhas, na sala de mineralogia do Imperador, no antigo palacio da Bôa Vista — para onde se mudára o Museu.

Ella traz os seguintes dizeres impressos: Tabula Geographica BRASILIAE et terrarum adjacentium exhibens Itinera Botanicorum. Em baixo d'esses dizeres impressos, encontra-se, escripto á penna e tinta preta: in INSTITUTO Im. Reg. Austriae Geologico, Directore Guilelmo Heidinger coloribus geologicis ornata a Francisco Foetterle petente 1 D. P. 2. No avesso, a lapis, em lettra que me parece d'este monarcha: «Devia ser collado em panno de linho quanto se tornaria liso e se conservaria de rasgos».

Pois bem, neste mappa que, á julgar pela epocha em que Heidinger foi director do Instituto Geologico da Austria — deve contar cerca de 50

annos, essa mesma zona que foi motivo da bella memoria do Dr. Betim, figura como constituida de *schistos chloriticos* e *barrentos* no triangulo Cuyabá Paraguay; granito, gneiss, schisto micaceo e amphibolito, do Paraguay até as nascentes do Jaurú e margens do Sepotuba e, finalmente, de grés vermelho para todas as demais zonas de que até hoje se occupou a Commissão. E' bom que se diga que Foetterle assignala o grés vermelho de Parecis estendido á toda a zona septentrional e oriental de Matto-Grosso com a seguinte explicação: Arenito vermelho ou *arenito vermelho quadriculado* segundo Spix e Martius.

Quer me parecer que se fossemos interpretar toda esse região considerada, segundo o mappa de Foetterle — teriamos de reconhecer a zona de Cuyabá ás nascentes de Jaurú como *Archeanas*, deixando o resto para a edade *Devoniana*.

Mas, se essa é a concepção do tempo da primeira carta geologica brasileira, não lhe fica á dever muito a tentativa mais moderna — de 1908 — e semiofficial da Soc. Nacional de Agricultura, pois, segundo o mappa Paulino Cavalcanti e Wenceslão Bello, tinhamos a zona de Cuyabá á Caceres terciaria e a do Chapadão da vertente N. Arqueana, deixando apenas as margens do Arinos e do Araguaya *terciarias*. Assim, é facil apprehender quanto se adiantou com o trabalho, incompleto embora, de Cicero de Campos, tão bellamente aproveitado pelo Dr. Betim Paes Leme.

Quanto á mineralogia — ou sem *ambages* — quanto ao que interessa mais a alma das massas — quanto ás *minas*, parece que os profissionaes da Commissão têm sido mais philosophos que outra cousa. Matto-Grosso tem sido sempre uma terra da Promissão n'esse sentido; as riquezas do Coxipó da Ponte, do Cuyabá, de S. Vicente, de Urucumacuan são tradicionaes.

O mappa de Foetterle dá para região dos diamantes a convergencia dos formadores do alto-Paraguay sobre a fóz do Sepotuba; nós cruzámos a velha estrada que, pelo alto da serra dos Parecis vae ter á S. Vicente. Em Tapirapoan disseram-me — na fazenda dos Affonsos — «aqui é o cascalho aurifero» — «ali é o terreno dos diamantes». Essa fazenda hoje pertence á um syndicato allemão. Mas, os relatorios da Commissão pouco adiantam. Paes Leme fallou no cascalho diamantifero de Roncador; Cicero me fallava no quartzito de amolar. A carta de Foetterle dá a região da encosta dos Parecis como de itacolumito. De tudo isso, porém, parece haver uma indicação segura — o Snr. Moritz, deixando a Commissão — foi, ao que me consta, requerer uma concessão de terras ao governo de Matto-Grosso. O Snr. Moritz é um mineralogista norte-americano.

São estas as principaes deducções á tirar do trabalho da Commissão de até hoje — elles, entretanto, ainda não estão concluidos; espera-se pela palavra do Dr. Eusebio de Oliveira.

Roosevelt adiantou-lhe o pensamento: «N'este ponto da nossa viagem, havia muita cousa que, á primeira vista, parecia ser um genero de conglo-

merado com bolhas e cavidades, feito de areia e terra ferruginosa. Elle disse tratar-se de um deposito quaternario superficial, formado pela erosão de rochas cretaceas e que não havia ahi depositos terciarios; elle descreveu a estructura — geologica — das terras pelas quaes passára, assim: Os pantanaes são da edade pleistocenica. Ao longo do alto Sepotuba; na região dos rapidos, ha arenitos, shistos e argilas da edade permiana. A zona que corre á Este contem rochas eruptivas, diabase porphyritica, com zeolitho, quartzo e agatha da edade triasica. Com o Chapadão dos Parecis chegamos á uma terra de areia e barro manchados de trechos de arenito e pedaços de madeira petrificados; este, segundo Oliveira é da edade mesozoica, possivelmente cretaceo e semelhante ás formações sul-africanas. Ha geologos que o consideram permiano», (pag. 231 — Through the Brazilian Wilderness).

Tratemos agora da

Botanica

O primeiro trabalho publicado foi da lavra do Sr. Frederico Carlos Hoehne e trata de 101 plantas das familias das Bromelias, Pontederias, Liliaceas, Amaryllidaceas, Iridaceas, Orchidaceas, Aristolochiaceas, Droseraceas e Passifloraceas; um opusculo de 71 pags. in 4º contendo annotações, diagnoses em latim e portuguez quando se referindo á especies novas. Este volume de texto é illustrado por um atlas contendo 63 estampas originaes executadas pelo autor. Tanto o texto como o atlas são de 1910.

A segunda parte publicada trata das Leguminosas determinadas pelo Dr. Harms, de Berlin; trabalho ainda organizado e traduzido do allemão pelo Snr. Hoehne. São 15 paginas in 4º enumerando 63 especies — 1912.

A terceira parte enumera 25 especies de Melastomaceas, Cucurbitaceas e Orchidaceas pelo Dr .Alfredo Cogniaux, da Belgica — ainda ordenada e traduzida do francez pelo Snr. Hoehne que ainda illustrou-a com duas estampas de sua lavra. São 15 pags. in 4º — 1912.

A quarta parte traz 33 pags. in 4º — sobre 70 plantas das familias das Alismataceas, Butomaceas, Hydrocharitaceas, Pontederiaceas, Orchidaceas e Nymphaceas. Illustradas por 14 estampas; texto e estampa elaborados pelo Snr. Hoehne — 1912.

Uma parte *extra* é constituida pelo relatorio botanico apresentado pelo Snr. Hoehne ao Coronel Rondon e referente á Expedição Roosevelt-Rondon — 81 pags. in 4º — 1914.

Enumera 126 especies de plantas de 57 familias diversas, acompanhadas de 25 estampas bellamente executadas, tudo isso precedido de 19 paginas sob o aspecto phytogeographico de Matto-Grosso egualmente illustrado por muitas photographias originaes. Como se vê e o proprio autor o diz, — não tem elle ainda os elementos para execução completa d'esta ultima parte; á saber — um mappa phytogeographico.

A V parte é constituida por outra contribuição cuidando das familias das Myrtaceas, Xyridaceas, Commelinaceas, Liliaceas, Amaryllidaceas, Irida-

ceas, Musaceas, Zingiberaceas, Cannaceas, Marantaceas, Burmaniaceas, Orchidaceas, Aristolochiaceas, Phytolaccaceas, Nyctaginaceas, Passifloraceas e Onagraceas.

Enumera esse fasciculo 115 especies das quas 15 novas e 7 variedades egualmente novas.

As 87 paginas do texto vem illustradas por 34 estampas, em parte desenhos executados pelo autor, em parte photographias.

Finalmente a parte VI contendo o estudo de 220 plantas d'outras cincoenta familias feita com a mesma proficiencia e o mesmo carinho de sempre — em 96 paginas in 4º illustradas por 20 bellas estampas.

Não só o trabalho do desenho é irreprehensivel como a sua execução em nada inferior á tudo quanto se exige na presente epocha para trabalhos d'essa natureza.

Estas duas ultimas memorias estão sendo distribuidas agora — é natural, portanto, que á respeito não exista ainda critica.

Nos satisfazemos em relatar, por alto, os resultados scientificos adquiridos; por isso, não é de mais que saalientar que, de tudo quanto até agora está publicado pela Commissão, relativamente aos trabalhos acima citados — resultaram já um primeiro esboço phytogeographicos da zona percorrida e de muitas especies nóvas já raconhecidas pela critica botanica mundial.

Não será, portanto, louvaminha excessiva referir que o nosso patricio tem arrancado applausos de botanicos brasileiros como Drs. Leonidas Damasio e Alberto Loefgren e Alvaro da Silveira bem como de autoridades estrageiras, dentre os quaes cumpre salientar Cogniaux, da Belgica, Malme da Suecia e Engler da Allemanha e Spencer Moore, da Inglaterra. Um dos actuaes bons conhecedores da nossa flora, o Dr. P. Dusén, teve ensejo de me referir elogios á Hoehne — e nenhum melhor elogio póde ter um naturalista que verificar os seus trabalhos transcriptos nas revistas de critica scientifica. Aqui vos mostro — uma dellas: *Repertorium specierum novarum regni vegetabilis* que se publica em Dahlem (Berlin) — o que quer dizer, no cerebro da elaboração botanica hodierna, n.º 37 de 31 de Dezembro de 1914, onde estão transcriptas todas as descripções das especies nóvas da primeira parte do trabalho de Hoehne. A' seguir vem as elaboradas por Cogniaux (n.º de Abril de 1915); e é de esperar que as demais partes do trabalho que estamos citando mereçam as referencias dadas aos primeiros.

O Snr. Hoehne é positivamente um botanico — na accepção da palavra — quero dizer com isto que a minha confiança é completa quanto ao exito dos estudos que o Coronel Rondon lhe confiou; e como conclusão das referencias que venho fazendo devo vos dizer que muitas das bellas estampas que illustram trabalhos do Martius brasileiro, elle as fez ao meu lado, dentro da embarcação em que ambos singrámos os rios Matto-Grossenses, esquecidos do Mundo ao virar das paginas da Natureza brasilica.

Anthropologia

Colloco-a antes da Zoologia propriamente dita, para melhor clareza da minha exposição:

Já o Dr. Roquette Pinto nas suas brilhantes conferencias aqui realisadas, deu conta de quanto fez a Commissão Rondon, n'esse terreno: Existe o homem selvagem na região percorrida; existe ahi o homem na edade da pedra; foram encontradas 20 nações indigenas; foram conhecidas as subdivisões politicas dessas nações, localizados os seus limites geographicos; houve uma avaliação aproximada do numero de almas que as compõem e descriminou-se as suas relações phylogeneticas e estudou-se os seus usos e costumes.

E as proprias conferencias de Roquette são ainda um resultado dos serviços da Commissão que, pela face sociologica assegurou, mais, aos brasileiros civilizados, a possibilidade de expansão pela Rondonia, até hontem em poder exclusivo daquellas nações selvagens.

«O trabalho de Rondon é, disse-me o Snr. Barão Erland Nordenskjöld, tão importante e grandioso que dentro destes cincoenta annos vindouros será unico: o meu trabalho bem como o de Roosevelt são seus complementares.»

Tudo quanto até agora foi publicado pela Commissão acha-se representado no Annexo n.º 5 — parte de Ethnographia pelo Coronel Rondon, seguido d'uma descripção de material feita pelo Dr. Roquette Pinto.

Constitue essa publicação um in 4º de 57 paginas e 16 estampas, algumas das quaes documentos historicos d'um inestimavel valor e provavelmente os ultimos que o homem civilisado possa ver das duas nações Parecis e Nhambicuaras.

Tambem n'este terreno não foi dita a ultima palavra sobre a acção de Rondon. Já depois das conferencias de Roquette os jornaes publicam telegrammas seus annunciando o seu contacto com tribus nóvas; e quando elle tiver dado por finda á sua missão do Norte, ainda ha á esperar, como remate do seu trabalho titanico, a sua exposição em conjuncto sobre os indios de Matto-Grosso.

Zoologia

Até agóra publicou a Commissão os seguintes trabalhos, no Annexo n.º 5, parte referente a esse ramo de sciencias naturaes:

1) TABANIDEOS, pelo Dr. Adolpho Lutz — Comprehende a enumeração de 15 especies, sete das quaes nóvas, sendo seis do genero *Tabanus* e uma do genero *Dicladocera*. O fasciculo traz as descripções das especies nóvas e respectivas figuras, bellamente executadas pelos Snrs. Rud. Fisher e Castro Silva, de Manguinhos.

2) CRUSTACEOS, pelo Snr. Carlos Moreira — O material colligido permittio ao auctor uma revisão completa dos crustaceos brasileiros da fami-

lia *Argulidae*. Além das especies colligidas, todas as quaes só agora trazidas ao Museu, figuram mais quatro especies das familias *Palaemonidae* e *Potamonidae*. D'esta ultima ha uma especie nóva, tambem descripta e figurada. Illustram o trabalho sete estampas contendo 10 figuras e sete photographias executadas pelo auctor.

3) LORICARIIDAE, etc., pelo conferencista — Contem 50 especies de peixes d'agua doce; 12 especies e tres generos nóvos ahi são descriptos, dentre os quaes dous muito curiosos por pertencerem á um grupo de peixes considerados parasitas de outros peixes.

São egualmente resolvidas ahi algumas questões de morphologia. O trabalho é acompanhado de uma estampa com 3 figuras executadas pelo auctor.

4) PIMELODIDAE, etc., pelo conferencista — Contem quarenta e quatro especies de peixes d'agua doce, dentro os quaes 4 nóvas; illustram o trabalho duas figuras de texto e 2 estampas com 7 figuras.

5) MAMMIFEROS, ainda pelo mesmo auctor — Contem a enumeração de 84 especies dentre as quaes cinco nóvas. Resolve diversas questões de taxonomia e morphologia e encerra muitas notas sobre zoogeographia. O trabalho é acompanhado de 24 estampas, reproduzindo photographias originaes, muitas d'ellas pela primeira vez tiradas de animaes em estado natural.

6) MOLLUSCOS, pelo Dr. Hermann von Jhering — 20 especies, das quaes 3 nóvas e muitas raras — todas bellamente illustradas.

Quanto aos dous primeiros, 4º e 5º inda não chegou ao meu conhecimento nenhum trabalho de critica. Quanto aos restantes posso informar já estarem sendo applicados, o que é uma prova a sua acceitação.

Nos Annals of the Carnegie Museum — vol. VIII — N.os 3-4 — March — 1913 — The Plated Nemathognaths por M. D. Ellis — «Depois que esta memoria ficou concluida e antes que fosse publicada, o Snr. C. Tate Regan publicou uma revisão do genero *Corydoras* (Inclusive Osteogaster) com uma lista dos especimens do Museu Britannico (Ann. Mag. Nat. Hist. (8), 209-220 — Aug., 1912), e o Snr. Alipio de Miranda Ribeiro publicou o volume IV. da sua *Fauna Brasiliense*» — Peixes — e n'um relatorio, entre outras cousas, — dos *Callichthyidae da Commissão de Linhas Estrategicas Telegraphicas de Matto Grosso ao Amazonas — Sept. 1912.* A publicação destas memorias *determinou uma revisão parcial do Manuscripto de Ellis* — o que foi feito pelo Dr. Eigenmann (encarregado da secção Ichthyologica do Museu Carnegie).

O volume de «Physis» de Buenos Aires, n'um artigo que se occupa da Bibliographia das Sciencias naturaes da America Latina, acima citado refere as vantagens da publicação do 6º fasciculo do annexo n.º 5 da Commissão — vantagens adquiridas sob o ponto de vista descriptivo como zoogeographico.

Da Inglaterra (por Thomas, do Mus. Britanico, Kerr da Universidade de Edimburgo), França (por Houssey, da Sorbone), da Russia (por Ivan Strelnixov, de Petrogrado), da Austria (por K. Toldt Jr., de Vienna), che-

gam referencias e pedidos do fasciculo 5 do mesmo annexo os quaes por serem muito pessoaes e tratarem do conferencista deixo de ler aqui.

Assim, em todos os ramos do serviço de Historia Natural vae o Coronel Rondon dando o cumprimento á sua missão de módo compativel com a epocha actual do globo. As 15 memorias aqui enumeradas, bem recebidas e procuradas em toda a parte onde haja comprehensão do seu valor, constituem uma prova evidente do alto criterio scientifico que as tem dominado e da nitida comprehensão de verdadeiro patriotismo, caracteristico principal daquelle preclaro brasileiro.

ESTATISTICA

Abordemos agóra os numeros: Englobando o material estudado ao que ainda resta por estudar para enumerar tudo quanto a Commissão colheu. Temos descriminadamente a seguinte estatistica:

Geologia e Mineralogia

	Periodos	Numeros de exemplares
Carl Carnier	1907-1908	?
Dr. Cicero de Campos	1908-1910	42
Drs. Euzebio Oliveira e Moritz	1910-1915	?
	Total	42

Botanica

Frederico Carlos Hoehne	1908-1910	1.900
Fred. C. Hoehne e irmãos Kuhlmann	1910-1912	5.675
Fred. Carlos Hoehne	1913-1914	226
Fred. Carlos Hoehne	1914-1916	1.036
	Total	8.837

Zoologia

	Periodos	Numeros de exemplares
Expedição Rondon ao Madeira	1908-1910	3.600
Hoehne e Gd.º Kuhlmann	1910-1912	200
Hoehne, Black, Reinisch e Dr. Serapião	1913-1914	183
Tte. Pyrineus de Souza e E. Stolle	1913-1914	225
Tte. Pyrineus de Souza e Antor. Pires	1914-1915	217
Coronel Rondon e Emil Stolle	1914-1915	1.195
Tte. Vasconcellos-Dr. Serapião	1914-1915	17
	Total	5.667

Antropologia (Ethnogr.)

Cel. Rondon e Dr. Roquette Pinto . 1908-1915 . . . . . 3.380

Quer da parte da Botanica quer da Zoologia, foram excluidos os tubos com o material mais susceptivel de deterioração. E além d'isso, toda a contagem já feita ainda depende de retificação que vae sendo operada á medida que o material vae sendo estudado, rotulado e catalogado, da maneira já mencionada. Estes numeros fallam bem alto, sobretudo se considerarmos que as collecções éram feitas á par das explorações topographicas e outros trabalhos da Commissão, evidentemente inadequados ás conveniencias da collecta propriamente dita.

2. Conferencia

O Museu Nacional

Segundo dados officiaes
e officiosos

A Commissão Rondon e o Museu Nacional

II

O Museu Nacional do Rio de Janeiro, segundo dados officiaes e officiosos

Dous entes, no mundo, são o ojecto do nosso primeiro affecto: Pae e Mãe. Inutil é pintar quanto são queridos na nossa meninice, quanto d'elles nos valemos quando ainda os frouxos passos e a tenra edade e o medo dos perigos e Papões nos fazem correr ao seu regaço, como ao ninho quente e protegido buscam abrigo as avezinhas que emplumam, ao passar das sombras de possiveis milhafres. Inutil é lembrar com que affecto, a consciencia já crescida e o corpo fórte á lucta, olhamos depois aquelles que foram o nosso ser, depois o nosso amparo e sempre amigos, solicitos, nobres e bons, ainda nos dispensam os carinhos de sempre; e então, já menos fortes do que nós, invertem os papeis e começam á tremer e á receiar por sua vez a sombra dos Papões na vida de seus filhos... E dentre vós aquelles que afinal e como eu, já experimentaram a crueza inflexivel da mórte, pódem avaliar, na dôr dessa saudade eterna para a nossa vida, toda a grandeza da amizade que ao ente perdido consagrávamos.

Mas ha um momento em que todos nós temos uma apparencia de desgosto contra esses seres cáros do nosso primeiro e mais fórte amor; e é quando, usando da sabedoria que lhes deu o tempo, elles ponderam, ao moço no lumiar da arena das luctas pelo futuro, um conselho amigo, fructo de experiencia que elles por amor de nós nos offerecem: Não faz assim, meu filho, que te succede mal! E a vontade nóva, estuante, anciosa de ver em facto o que o espirito ardente sonha em projecto impeccavel, repelle amuada o conceito antigo do «velho» medroso e sem razão ou da timida «velha» cheia de anceios de amizade em demasia...

E quando, ás vezes, mais tarde, nos azares da vida verificámos a sabedoria do conselho perdido, todo o altruismo que o dictára, então corremos á beijar as já tremulas mãos do vero amigo — proclamando-lhe a razão...

Porém, a impavida Sórte nem sempre é favoravel; e ás vezes succede que então, os nossos labios sequiosos apenas encontram a indifferença d'um lapide, mais fria e dura que a acerada ponta d'uma flecha! Se tal succede á um Pae, o que não succederá á cada um de nós, nos labores quotidianos? Assim, todos sabemos que uma vez, ao menos, na vida, sômos desagradaveis. E Lafontaine o disse de modo imperecivel. O peior é justamente a existencia desses momentos em que, conscientemente, temos o dever de desagradar á todos... quando mais não o seja, senão para lavar as mãos... como Pilatos...

Sempre foi meu vezo tornar uteis todas as resultantes dos meus actos, pois eu sou da velha escóla portugueza dos que plantam as jaboticabas para os filhos e netos, embóra procure os methodos por ultimo provados bons. Óra, o Coronel Rondon tendo até hoje escolhido o Museu para o archivo dos documentos dos estudos de sua commissão, é preciso saber o que é o Museu e se elle vale a acção do Coronel; e tendo optado por homenagens á este, estas conferencias á fim de commemorar-lhe os serviços — o que foi bem recebido e amparado por todos d'esta casa — reparto entre o Coronel e o Museu a attenção, procuro honrar á um e servir ao outro na minha acção, servindo ao mesmo tempo á nossa Patria.

Tenho no coração a certeza de que elle me applaude pois o movimento é justo.

Succede porém que o Museu é um serviço publico onde muitos laboraram. Dahí o ter de tocar ás vezes em melindres alheios, talvez ferir... quem sabe?... Mas quem ficará mal ahí? Eu... Então, embóra não seja o pae que falle ao filho, mas o cidadão que falle ao estado; embóra não seja o velho que falle ao moço mas o experimentado que em terra estranha mostra o caminho ao conterraneo, eu me disponho ao sacrificio, desde já perdoando os que divisarem o mal n'esse meu acto, desde já bemdizendo os que quizerem tirar proveito das minhas palavras em beneficio do Museu e me ajudarem á cumprir o que a minha consciencia, sem interesses subalternos, manda.

Assim, com o lembrete prévio de que não viso pessoas e sim actos, de que nada mais pretendo senão que todos concorram para o futuro d'esta casa que é um patrimonio nacional, por hoje vos peço estudar, commigo, o Museu Nacional segundo dados officiaes e officiosos.

Vejamos dous trabalhos publicados sobre este estabelecimento: um da lavra do Conselheiro Ladislau Netto e outro do Dr. João Baptista de Lacerda.

O segundo completa e elucida o primeiro; e ambos têm a evidente preoccupação de fazer a historia do Museu.

Do archivo que documente esses livros, parece existir apenas o que se refira mais ao segundo.

Por esses livros, o primeiro dos quaes tem o titulo de «Investigações Historicas e Scientificas sobre o Museu Imperial do Rio de Janeiro» e foi publicado em 1870 e o segundo, «Fastos do Museu Nacional do Rio de Janeiro», e foi publicado em 1905, é-se informado que o Museu vae completar um seculo — cem annos de existencia — em 1918, pois de 6 de Junho de 1818 data o decreto de fundação do Museu Real da Côrte, destinado á «*propagar os conhecimentos e estudos das sciencias naturaes do Reino do Brasil*»; embora anteriormente á esse decreto, o adiantado José Luiz de Vasconcellos fizesse a primeira tentativa de creação de um museu, com a *Casa dos Passaros* que ainda existia em 1811 no Campo de Sant'Anna, emquanto que o edificio proprio tinha começo de edificação na mesma epocha e no local onde hoje existe o Thesouro Federal.

«Entre os sexagenarios de hoje, diz Ladisláu Netto em 1870, muitos existirão á cuja lembrança não deve ser estranha uma elegante arcaria de granito — entre começo e ruinas — erguida no mesmo logar em que vemos actualmente o Thesouro Nacional: essa arcaria éra o principio do Museu de Historia Natural brasileira, tal qual o havia concebido o memoravel Luiz de Vasconcellos, vice-Rei do Brasil, tal qual o abandonaram e inutilizaram depois as administrações ignavas que lhe succederam.»

O Director da Casa dos Passaros foi o brasileiro Francisco Xavier Cardoso Caldeira, que teve 2 ajudantes, 3 serventes e 2 caçadores. Em 1810 déram ao primitivo museu outro director: o Dr. Luiz Antonio da Costa Barradas, que o enterrou muito piedosamente, sendo as collecções inutilizadas.

Em 1818 éra outro o museu — não mais uma Casa de Passaros, não mais um *museu de zoologia* mas o Museu complexo de que sou hoje funccionario. Entregaram-n'o á um frade — Frei José da Costa Azevedo, dando-lhe por auxiliar (guarda e porteiro) um discipulo de Xavier Caldeira; e á este, um ajudante. E todo o material que particulares offereciam para a construcção do edificio, ia sendo empregado na construcção do Quartel do Campo de Sant'Anna e no Arsenal de Marinha.

Depois de Frei Azevedo foi director do Museu o seu porteiro, João de Deus e Mattos — e depois d'este 8 directores diversos se succederam n'esta casa, até a épocha do Dr. Lacerda.

Vamos fazer uma resenha do seu valor material na presente épocha, quasi cem annos depois de sua fundação.

Vamos por ordem:

Secção de geologia, mineralogia e paleontologia

O Snr. Dr. Oscar Publio de Mello foi o auctor da lista do material que o Dr. Alberto Betim Paes Leme ahi encontrou; e n'esta lista estão citados 5.150 numeros.

Segundo os elementos de consulta de que dispômos podemos resumir essa secção pela seguinte fórma:

Uma collecção de Mineralogia exotica — a celebre collecção de Werner da antiga Academia militar, comprada pelo General Napion para essa escola, pela quantia de 12 contos, ao cavalheiro Tabst von Oheim que a houvera de Werner.

Uma collecção mineralogica feita pelos membros da primitiva Commissão Geologica.

Uma collecção paleontologica da mesma procedencia.

Restos de um Glyptodonte trazido por von Sellow.

Restos de Mastodonte (da mesma origem?).

Um Megatherio, trazido de Jacobina, da Bahia, pelo zoologo C. Schreiner.

Uma collecção speleologica andquirida do Snr. Ricardo Krone.

Uma collecção adquirida do Snr. Ramusch. E pouca cousa mais.

Secção de Botanica

E' do respectivo Professor a seguinte informação á directoria de Estatistica da Republica:

Data	Collecções	Existiam em 1908	Entradas 1910	Total 1910
1818-1865. Sem registo, segundo indicação aproximada do Dr. Ladislau Netto (Investigações historicas)		6.138		6.138
1866-1865. Com indicação ou registro:				
Herv. Allemão-Cysneiros (Seg. Netto)		1.500		1.500
Herv. Brasil.		30.584	212	30.796
Herv. Pl. exoticas		3.077		3.077
Fructos e sementes		391		391
Madeiras e lianas		455		455
Fibras e pasta para papel		68		68
Oleos, resinas, etc.		74		74
	Total	42.287	212	42.499

A minha opinião, á respeito do material botanico existente no Museu, é diversa da do Professor Sampaio, se bem que — sob o ponto de vista scientifico tenha o mesmo valor — quero dizer — é uma apreciação aproximada, com fundamento em dados exteriores ao Museu.

O Professor Sampaio baseia-se principalmente em L. Netto e o trabalho d'este se nos affigura erroneo, se começámos á contar as estatisticas desde Frei Custodio Alves Serrão até o que hoje sabemos, pelas referencias das bibliographias de cada um dos contribuintes do herbario do Museu e constantes do fasciculo CXXX — isto é, o ultimo — da Flora de Martius — Abril de 1906.

Segundo o proprio Ladislau Netto — op. cit., pag. 62 — o primeiro inventario do Museu presente ao Governo do Imperio e constante do periodo de 1818 á 1836 continha 1.600 plantas.

E' o mesmo Netto quem diz á pag. 288 que «Riedel, chamado para director da Secção de Botanica, fez immediatamente presente ao estabelecimento de todas as suas collecções particulares; e tanto bastou para que o hervario, á principio insignificante, tomasse de repente uma certa ampliação e começasse á merecer, de facto, este titulo».

Óra, o Prof. Sampaio, dando para Riedel e Sellow 65 numeros e para o Hervario Riedel 1.862 — calculou com depreciação demasiada porque Riedel tendo sido nomeado em 1842 e fallecendo no exercicio do cargo de director da Secção de Botanica em 1842 — não poderia deixar tal numero se em 1842 elle dava ao Museu todas as suas plantas, como diz Netto.

Um resumo, segundo a Flora de Martius, permitte a seguinte avaliação do material de Riedel:

Trabalho de	1821 á 1822	—	Plantas	da Bahia	1.000	numeros
„	„ 1822 „ 1824	—	„	do Rio de Janeiro .	600	„
„	„ 1824 „ 1825	—	„	de Minas	1.400	„
„	„ 1825 „ 1829	—	„	de S. Paulo, M. Grosso, Amazonas e Pará.	1.600	„
„	„ 1833 „ 1835	—	„	. . . . .	3.000	„
				Total . . .	7.600	numeros

Segundo Urban, o auctor do fasciculo da Flora que estamos referindo, a collecção principal de Riedel está no Jardim Botanico de S. Petersburgo e a duplicata no Museu Nacional do Rio de Janeiro; assim sendo, o restante da existencia provavel, segundo Netto, não chega para fazer face ao trabalho de Riedel até — 1835.

Mas, visto que o unico dado official existente é o de Ladislau Netto, vamos attribuir a Riedel as 6.138 plantas sem indicação de entrada, dando por inexistente o periodo restante da vida de Riedel até 1862.

Do herbario com indicação ou registo, não podemos admittir, de módo algum, 1.500 numeros para a collecção Freire Allemão, conforme indica L. Netto.

Freire Allemão éra um naturalista de coração e se dedicava á botanica; chefiando a mais importante commissão scientifica que, anteriormente á de Rondon, foi levada a effeito no Brasil, commissão graças á qual o Museu duplicou a sua bibliotheca e as suas collecções de ethnographia e zoologia, não é plausivel que se deixasse vencer pelos seus companheiros subordinados, colligindo apenas 1.500 exemplares; seja como fôr, ainda acceitando todas as razões dadas por Netto á pag. 288 — só uma catastrophe reduziria 20.000 plantas á semelhante numero.

O periodo de 1859 a 1861 em que se realizou a expedição do Ceará, rendeu 20.000 plantas que foram trazidas ao Museu.

É pelo menos o que se lê em Urban, baseado, entre outras cousas, em notas biographicas revistas pelo proprio Freire Allemão.

Assim, não podemos acceitar a indicação de Netto sem mais exame e reduzimos de 50 % as affirmativas de Urban, para a margem ás causas naturaes de destruição de hervarios.

Para o Hervario Brasileiro, ulterior á Freire Allemão e até nossos dias, dá o Prof. Sampaio 30.796. Esse numero, é como já se leu nas suas palavras, provisorio e baseado em informações que achou na Secção.

Pelo que me recordo vagamente, do tempo em que os serviços de Secretario, n'esta casa, punham-me em contacto com a secção de botanica e tudo o mais que pude obter, mesmo com a relação Urban, podemos agóra descriminar as collocações da secção do seguinte modo:

Periodo de 1818 á 1838	1.600
Hervario Riedel — (1842)	1.812
„ „ — 1842-1835	6.138
„ Lindberg — 1854-1855	200
„ Freire Allemão — 1859-1861	10.000
„ Museu — 1876	1.500
„ Schwacke, Glaziou, Netto e Jobert — 1873-1891	5.000
Hervario Lindmann — 1893-1894	200
„ Spencer Moore — 1894	300
„ Ule — 1893-1903	3.500
„ P. Dusén — 1902-1903	8.000
„ Glaziou	10.000
Total . . .	48.250

Desde que existam duvidas á respeito quer da quantidade quer da qualidade das collecções, duvidas oriundas da comparação da estatistica Sampaio com a de Urban, deixamos de considerar, as collecções Sellow, Fritz Müller, Herbert Smith, Ildefonso Gomes, Beaurepaire e outros que tambem mandaram plantas ao Museu.

As collecções Ule são computadas em cerca de 13.000 exemplares, nós apenas incluimos 3.500, porque Urban diz ter ficado aqui no Museu apenas esse numero, inclusive 500 plantas da Commissão Crulz.

Ao contrario, as collecções Sellow que são computadas em 11.869 exemplares — nem as citamos, porque o Prof. Sampaio — encontrou para Sellow e Riedel apenas o n.º 63 (segundo Netto, aliás) e Urban não menciona o que tenha ficado para o Brasil.

Ao numero 48.250, acima apurado, podemos, ainda, addicionar outros mais recentes.

Herbario da Commissão de Secca do Ceará . . .	4.000
Herbario da Commissão Geol. de S. Paulo . . .	1.000

O que dará um total de 53.250 exemplares.

Assim, aproximadamente, podemos dizer que a secção de botanica tem 53.000 plantas adquiridas em 100 annos o que perfaz 530 plantas, em média, por anno.

Anthropologia

O numero que se encontra n'esta Secção é de 17.565 objectos. Excluindo d'ahi 3.000 exemplares da collecção archeologica, temos 14.565. (Essa é a unica secção do Museu que tem catalogo e isso graças ao esforço do Dr. Roquette).

As acquisições d'esta secção prendem-se, principalmente, á duas missões brasileiras.

A 1ª data de 1859 e foi ainda a expedição do Conselheiro Freire Allemão.

A 2ª é mais recente, é do tempo do naturalista Gustavo Rumbelsperger que, por ordem do cons.º Ladislau Netto, foi explorar o *mound* de Pacoval; e de Domingos Soares Ferreira Penna, mandado ao Pará afim de colleccionar.

Ha, ainda, tres collecções importantes á mencionar.

Uma offerta do Bispo de Goyaz, constante de objectos de indios Carajaz.

Uma offerta de D.ª Carminda de Mello Rego de material Borôro.

Uma offerta do Dr. Arthur Eugenio Furtado, de material de indios Corobobós (Minas Geraes).

Salvo outros presentes mais ou menos valiosos tudo quanto constitue o que o Museu possue, está preso aos trabalhos da Commissão Geologica e Mineralogica do Brasil ou melhor Commissão Hartt, em que trabalharam especialmente no campo da Ethnographia, Carlos Frederico Hartt e Orville Derby.

Mas, visto que o numero 14.565 exemplares contem os das diversas remessas da Commissão Rondon, segue-se que ao Museu, antes de Rondon, competem apenas 11.185 referentes a Anthropologia e Ethnographia.

Isso, em cem annos, dá a média annual de 111,85.

Zoologia

Segundo os dados fornecidos pela Secção de Zoologia á Répartição de Estatistica, sóbe á 59.314 o numero de exemplares accumulados, n'essa secção, até Agosto de 1915.

Leiamol-a:

Mammiferos	298
Aves	4.862
Reptis e batráchios	546
Peixes	1.397
Arthropodes	33.753
Molluscos	17.906
Vermes, Echinodermes e Zophitos	552
Total	59.314

Admittindo como exacto esse numero, temos á esclarecer que d'elle fazem parte as seguintes collecções:

Freire Allemão e Herberth Smith	3.000
Commissão Geologica (Hartt)	1.052
Collecção May	4.000
„ Soldateschi	17.765
„ Friedenreich	26.752
„ Reinisch	408
Total . . .	52.977
Resto provavel para os trabalhos do Museu	6.337
Total . . .	59.314

Eu vos confesso que a mim mesmo surprehende a exiguidade desses numeros, embora os saiba relativos pela ausencia de catalogos.

D'ahí decorre procurar-lhes a causa; e por isso, eu vos peço venia para vos fazer visitar, rapidamente, os meandros d'este serviço publico atravez do tempo. Este meu movimento é tanto mais justificavel, quanto o Museu tem sido alvo de accusações diversas; e não será descabido que os contribuintes pezem as circumstancias de vida do estabelecimento, para que possam distribuir justiça com a devida imparcialidade.

Não faz mal que tenhamos de abordar a maledicencia d'essas accusações; é um dever civico de todo cidadão dizer a verdade sem preambulos e principalmente no tocante á serviços publicos. Quando o respectivo funccionalismo se habituar á fallar a verdade ás altas autoridades do paiz, estas, por sua vez não serão conduzidas á posições falsas perante a Nação.

E no caso presente, por hoje, eu me exhimirei tanto quanto possivel de commentarios, julgareis os factos com o vosso unico criterio...

Foi com uma simplicidade candida, que o bondoso e utilissimo D. João VI, definio as funcções do Museu Nacional em 6 de Junho de 1818... «propagar os *Conhecimentos e Estudos das Sciencias Naturaes do Reino do Brasil que encerra em si milhares de objectos dignos de observação e exame... e que pódem ser empregados em beneficio do Commercio, da Industria* e das *Artes* que muito desejava favorecer como grandes mananciaes de riqueza»...

Nada mais éra necessario ao cumprimento d'esse desideratum que um Laboratorio-Archivo (Museu), um *naturalista* e auxiliares de confiança d'este para realizar a incumbencia do Rei.

Pretendeu-se fazer isso naquella data mas, em 1840, em virtude da Lei n.º 164 de 26 de Setembro d'esse anno, foi o Museu organizado d'outro módo — separado em dous corpos administrativos. — O director de um lado, com poderes discriminados e *um conselho* de *administração*, de outro, tendo funcções diversas e entre outras á de *dar um curso annual das sciencias relativas ás suas secções.*

O conselheiro Burlamaqui, citado por Netto, diz d'essa epocha: — «o arranjo economico e scientifico do estabelecimento, o estudo e o ensino da physica e chimica na escóla militar, seriam por si sós trabalhos sufficientes para occupar todos os dias, todas as horas da vida de um homem robusto e activo. Mas não éram estas as occupações do digno Director nem as mais espinhosas: elle éra obrigado á dar informações ao Governo sobre uma multidão de objectos diversos e portanto á trabalhar constantemente em analyses chimicas, ensaios metallurgicos, projectos agricolas; a dar pareceres sobre estabelecimentos industriaes, sobre tentativas de mineração, sobre descobrimento de minas, sobre a extracção de materiaes de tinturaria, de oleos e, finalmente, sobretudo quanto o governo queria ouvir a sua opinião quer em objectos de interesse geral quer á respeito de productos particulares».

Assim, esse mesmo activissimo director, que outro não éra senão o Fr. Custodio Alves Serrão, é o mesmo que em 16 de Março de 1844 escrevia ao Governo:

«A utilidade do nosso Museu ainda não está perfeitamente sentida no seio da Representação Nacional, nem grande parte de nossos administraderes tem reconhecido a benefica influencia de semelhantes estabelecimentos. Entretanto que as nações européas vão mandando, com enormes sacrificios, seus sabios perlustrarem este riquissimo Imperio, vamos nós amesquinhando esta creação dos tempos coloniaes!

Com magoa vê o conselho transporem de continuo as nossas praias objectos de summa importancia que os tira o estrangeiro sem que deixem entre nós o menor vestigio de sua existencia; *e quando mais esclarecido de seus interesses quizer o paiz conhecer a historia de seus tempos primitivos — terá de dirigir-se ás grandes capitaes da Europa para ahi estudar esses preciosos documentos.*»

O officio de Fr. Custodio de que foi transcripto o trecho supra, pedia, além d'outras cousas, o amparo imperial para que lhe não fosse diminuido o salario do pessoal do Museu que prefiriria servir de graça, á acceitar a retribuição que lhe propunha o governo e, referindo-se á collecções, dizia: «as collecções são em verdade abundantes, *porém mais possuem de objectos estranhos do que do proprio paiz e com razão de nós se poderá dizer como dos actuaes egypcios que habitam em derredor das pyramedes de Memphys: que dos estrangeiros aprendem a historia dos seus monumentos, não lhes tendo cabido a gloria de penetrar em seu interior*».

Parece incrivel que esse estado de cousas, viesse mais ou menos n'essa apalpadella e vacillação desde D. João até sob os auspicios do segundo Imperador do Brasil; porém é certo que não só esse desvirtuamento dos verdadeiros intuitos daquelle monarcha, ao fundar o Museu, trazia os gravissimos e capitaes inconvenientes salientados pelo patriotismo e pela clarividencia de Serrão, mas, ainda levantava contra o proprio Museu a opinião dos que, pelo Jornal do Commercio, accusavam esforçados funccionarios d'aquella epocha, do não cumprimento de seus deveres.

De uma feita respondia Alves Serrão: — «Uma falta, Exm.º Snr., não póde o conselho deixar de reconhecer que existe no Museu Nacional, assim como em muitos outros estabelecimentos scientificos, particularmente se não ha confiança n'aquelles que os devem dirigir e *é ella a consequencia de auctoridade convenientemente habilitada que possa verificar se os trabalhos ahi feitos tem sido desempenhados com a necessaria exação.*

Até ahi éra clara a lucta entre os dirigentes do Museu, incomprehendidos, e o Governo Nacional; e éra de esperar que tal estado de cousas não lhes fosse favoravel. Fóra do Museu emprehendia-se commettimentos muito mais importantes para o fim do estabelecimento do que dentro d'elle — e a commissão do Ceará, do Conselhheiro Freire Allemão — por si só acarretava-lhe, indirectamente, enorme riqueza de material.

Infelizmente, porém, a sorte não protegia muito o verdadeiro desenvolvimento scientifico brasileiro: — nomeado seu director, Francisco Freire Allemão inutilizou-se por uma apoplexia e em meio do seu gigantesco trabalho que não teve continuador, morria em 1874, volvendo o Museu á faina dos regulamentos.

Estão ahi os numeros, estão ahi os documentos firmados por L. Netto e Lacerda.

Mas é preciso ver que o primeiro, bastante perpicaz para conhecer os verdadeiros intuitos d'um museu de historia natural, — fomentou e realizou elle proprio excursões — inclinando-se para as materias de sua predilecção — a Ethnographia e a Botanica.

O seu espirito vivo, ardente, irriqueto, sabia aproveitar-se da protecção imperial de que gozava, em beneficio do museu e como não podia deixar de attender á exigencia local, deixou os cursos publicos — attenuados, transformando-os em conferencias; éram ellas ao mesmo tempo uma facil e agradavel escada no nosso limitado meio scientifico.

Como objectivos do Museu fundou e perlustrou com brilhantismo o orgão principal d'esta casa, *de que os seus antecessores não haviam ainda cogitado*... os Archivos do Museu Nacional.

Mas, se este facto, por si só, lhe assegurou a sua verdadeira gloria — as conferencias á todo transe — os regulamentos, atiraram-n'o por terra!

Embora por lei e sua influencia pudesse contractar auxiliares capazes de toda a parte; e pelo auxilio efficaz da Commissão Geologica e seus funccionarios Hartt, Branner e Derby, angariasse collecções preciosas, Netto, que se esquecia de aproveitar da competencia de seus auxiliares que os tinha muitos como Fritz Müller inclusive, — gloria que ainda refulge e refulgirá, por seculos, nos annaes d'esta casa, — prestava-se á reproducção da fabula da raposa e do corvo, deixando escapar collecções adquiridas para fóra do paiz — sob o pretexto de fazel-as determinar por outros e, attrahia o ridiculo sobre o Museu, publicando cincadas collegiaes no seu orgão de «propagação dos estudos e conhecimentos das Sciencias» e arcando até — se-

gundo dizem e transparece das proprias palavras de Netto — com a galhofa do monarcha seu amigo!

Aqui está o primeiro volume dos Archivos pag. 31. Aqui está este celebre artigo que tem me cabido explicar á estrangeiros que d'elle me fallam com sorrisos sub-linhados: — Nota descriptiva de um pequeno animal extremamente curioso e denominado batrachichtys. — Aqui estão as figuras; aqui o animal que servio para a descripção e figura: E' um gyrino ou larva de rã — *Pseudis paradoxa*, justamente caracterisadas porque os seus gyrinos são do tamanho do animal perfeito. Pois bem, este artigo pretende mostrar um animal intermediario entre o sapo e o peixe, com que o auctor — cujo nome não nos interessa revellar, chamou a attenção de Darwin, Haeckel e Charles Martin...

Agóra aqui vos mostro ainda o animal perfeito de *Pseudis* com a sua larva em estado mais novo que a commissão Rondon colligio em Matto-Grosso.

Veja-se agóra a carta á Ernesto Renan — de Ladislau Netto, publicada em francez em 1885 e ter-se-á a ideia da mystificação de que elle foi alvo com respeito á uma inscripção phenicia dada como procedente do valle do Parahyba e de como vio-se elle em palpos de aranha para remediar umas primeiras effusões sobre o achado.

Mas esta preoccupação de chegar á gloria de qualquer módo em tempo minimo, em breve levava mais longe o desvio de orientação e já em 99 — outros éram os ataques que reflectindo-se do director cahiam sobre o Museu e, por fim, passavam mais tarde, já na Republica, ao terreno da lucta aberta entre o director do Museu de um lado e os seus auxiliares de outro: Leiamos Lacerda, Fastos, pag. 67 — 1905.

«O decreto de 8 de Maio de 1890, sob numero 359 A *reformou o Museu* Nacional... disposições desse longo e complicado regulamento vinham apertar mais ainda os laços de dependencia e sujeição que manietavam os funccionarios do Museu á vontade do Director. A publicação do Diario Official d'essa peça de arrocho causou entre os funccionarios superiores do Museu o effeito d'um peloiro. Tinham sido todos colhidos de improvisos em uma armadilha na qual só havia duas portas de sahida: a de resignação e a da retirada com protestos de insubordinação. Alguns tomaram esta, outros seguiram aquella, conforme as imposições da consciencia de cada um. Schwacke seguio para Minas, onde lhe confiaram a direcção da Escóla de Pharmacia de Ouro Preto; Derby deixou o Museu para assumir a chefia da Commissão Geologica e Geographica de S. Paulo; eu renunciei o logar de director da secção de zoologia».

Não estava sanado o mal; ulteriormente uma parte do pessoal que ficára representava contra o director e o Marechal Floriano determinava um novo regulamento cerceando as attribuições d'esta auctoridade e realçando a da Congregação.

Passava o Museu da direcção iterina do Dr. Domingos Freire para a administração Lacerda.

Continuaram os cursos publicos que muito impressionaram o espirito d'este Director, a serem constantemente determinados e eu — aqui entrando para o corpo da administração superior por um concurso, atirados apezar d'isso por outro regulamento para o cargo de Secretario — éramos a testemunha involuntaria e constante d'essa lucta entre a direcção e Congregação, oriunda da natureza complexa do nosso estabelecimento. As actas da Congregação constituem um verdadeiro monumento documental de tudo isso.

A tendencia do objectivo principal desenvolvendo apenas o lado didactico do Museu, teve o seu paroxismo na administração Lacerda onde, á par d'uma relativa movimentação no que tocava a excursões — algumas das quaes foram prejudicadas pelos regulamentos sempre inadequados — entrou n'esta casa o titulo de *Professor* e se enxertou ainda uma vez um appendice «*Museu Escolar*» e se proclamou a theoria de que a direcção *éra méramente administrativa* e a Congregação *méramente technica*.

Temos visto que a tendencia para dar vasão ao principal defeito organico brasileiro — *o veso de fazer discursos* — a tendencia do dominio escolastico levada em primeira plana n'esta casa; — é preciso porém que se comprehenda que a impossibilidade mecanica, por falta de orgãos, tem-n'o paralizado algumas vezes, de módo á deixar os cursos no papel; e é curioso saber que d'esses cursos de mais de meio seculo, não ha um unico discipulo. Egualmente no papel, por abstruso ficou o Museu Escolar, embóra se mandasse buscar na Europa, por compra, as respectivas collecções, inclusive o que entre nós se encontra com relativa facilidade, como, por exemplo, a casa de cupins que aqui vos mostro. Outras cousas mais como secções de numismatica, Laboratorios diversos, etc., vemos na historia do Museu mostrando os desvios da instituição desde a quasi constante applicação de funccionarios e patrimonios em cousa muito diversa dos fins do museu do que seria de suppor.

Mas se ainda não achamos a explicação buscada para os males do Museu, comtudo um facto já podemos agarrar: o ultimo volume dos Archivos, vol. XVII, pag. 16, prova á evidencia que as prophecias de Alves Serrão se realizaram muito mais cedo do que esperavamos.

Basta ler, alli, a contribuição do Professor Sampaio, para se ver que elle não poude determinar no Museu o material que colligiu na sua excursão a Minas e representam o as 212 plantas entradas de 1910. E precisou recorrer ao Dr. Hartert em Berlim.

Veja-se o volume XVII dos mesmos archivos e verifica-se que eu incluí no — programma da minha ida á Europa para organisação do Laboratorio de Zoologia — o estudo de collecções brasileiras na Europa.

E quanto á provas dos trabalhos d'esta casa, basta o confronto de suas publicações com as das instituições congeneres das republicas visinhas — aqui estão os Annaes do Museu de Buenos Ayres; aqui estão os Annaes

do Museu de La Plata; mas não sahiámos do Brasil — aqui estão os boletins do Museu do Pará, a revista do Museu de S. Paulo.

Consultae cada uma dellas e comparae com os nossos Archivos e vereis quem mais trata da Historia Natural. Mas não fallemos nisso — Manguinhos que é de hontem e trata de medicina já tem mais historia natural que os proprios Archivos do Museu.

O confronto apenas corrobora as minhas asseverações. E não pequenos ataques tem custado á esta casa o seo estado morbido — que Bilac chamou de *ankylosado*. Mas afinal a explicação? O governo actual pretendeu dal-a abertamente, na ultima mensagem, attribuindo-a á incompetencia de seus dirigentes e prometteu sanar tudo com um novo regulamento e novo pessoal.

Leiamos, respeitosamente, tudo quanto disse o Dr. Wenceslau Braz na sua mensagem ao Congresso de 4 de Maio de 1915.

«*Museu Nacional* — Concluidas as obras de remodelação, iniciadas em 1910 e ultimada a installação dos laboratorios e mostruarios, pertencentes ás quatro secções, o Museu Nacional do Rio de Janeiro pôde finalmente reabrir as suas portas ao publico, em 14 de Outubro.

Por emquanto só se conseguio aperfeiçoar a installação material e isto mesmo incompletamente, e, em certos casos, com insufficiente orientação technica.

Não basta, porém, crear um deposito de material de estudo. Cumpre dar-lhe vida, e transformal-o em força operante nas investigações scientificas do meio brasileiro. Para isso, providencias de duplice caracter são precisas: de ordem administrativa, — quanto á disciplina interna do estabelecimento; de ordem profissional, tambem quanto á autonomia de pesquizas, do recrutamento do pessoal, ao valor dos dirigentes.

No novo regulamento em estudos, por determinação do Congresso, todas estas questões encontrarão remedio.

Uma vez regulamentada, essa lei produzirá forçosamente salutares e beneficos effeitos, estimulando a exploração das abundantes minas do nosso Paiz, animando tão promissora industria.»

Reflectindo sobre essas graves sentenças que não trouxeram excepção, verificamos que o Presidente da Republica acha que *até o momento actual esta casa apenas tem aperfeiçoado* incompletamente a installação material; e como *não basta crear um deposito de material de estudo* e cumpra dar-lhe vida para transformal-o em força operante nas investigações scientificas do meio brasileiro, com disciplina, autonomia de pesquizas e bom recrutamento de pessoal de valor, *o regulamento que o Governo elaborava deveria estimular e produzir effeitos salutares e contribuir para exploração das riquezas naturaes.*

O termo «*dirigentes*» abrange directores e seus auxiliares superiores; e n'esse numero figuram os seguintes nomes: Dr. Emilio Joaquim da Silva Maia, Dr. Luiz Riedel, Manoel de Araujo Porto-Alegre, Guilherme Schuch

de Capanema, Dr. Manoel Ferreira Lagos, João Theodoro Descourtilz, Dr. Manoel Freire Allemão, Dr. Nicoláo Joaquim Moreira, Carlos Schreiner, Domingos Soares Ferreira Penna, Guilherme Schwacke, Dr. Theodoro Peckolt, Carlos Frederico Hartt, Dr. Fritz Müller, Orville Derby, Dr. Hermann von Ihering, Gustavo Rumbelsperger, Dr. Emilio Goeldi, Dr. Julio de Moura, Eduardo de Siqueira, Ernesto Ule, Pedro Dusen, para não citar senão os auxiliares e esses mesmos que já não fazem parte do estabelecimento. Um Museu é uma successão de esforços que se transmittem atravez das gerações. E porque esta gente toda deixou apenas as collecções que temos e d'ellas fez os estudos que encontramos em 10 volumes apenas dos Archivos? (10 volumes sim — de I a X, porque d'ahhi em diante já estava no Museu e tomava sobre mim — empurrar para diante essa revista e ahí tenho tres volumes meus). E porque sahiram Ihering e Goeldi e foram produzir nos museus de S. Paulo e do Pará 9 volumes de historia natural e fizeram collecções eguaes ás do nosso Museu?

O ponto é muito grave e a razão dada não nos satisfaz.

Continuemos o nosso estudo: Leiamos Netto.

«Poucas éram as plantas que compunham o hervario do Museu Nacional, quando pela reorganisação d'este estabelecimento foi creada a secção de Botanica e Agricultura. Entretanto é certo que em 1832 possuia este estabelecimento um hervario bastante completo, e que d'essa importante collecção, em grande parte composta de plantas brasileiras, extrahio o celebre *botanico francez CarlosGaudichaud quatro mil e quinhentas especies* que, dizia elle, lhe haviam sido offerecidas, á titulo de retribuição, pelo trabalho que houvera tido de classificar o hervario do Museu brasileiro. Nós tivemos occasião de consultar e de examinar todos esses vegetaes no hervario do Museu do Jardim de Paris, e cada vez que á esse trabalho nos entregavamos, confrangia-se-nos o coração por que uma vóz interior nos estava sempre á dizer que não por dadiva, mas por uma disfarçada expoliação, se achavam alí aquellas plantas». Ladislau Netto, pag. 287.

Com a faculdade ampla de contactar pessoal competente, Netto, por sua vez contractou serviços de Herbert Smith, de Ihering, de Goeldi, de Jobert e de outros.

Onde estão as collecções de Herbert Smith? Temos apenas uma parte das aves; a outra foi levada para a America do Norte, estudada lá e depois de *publicado o estudo n'uma revista Americana*, a parte que ficou no Brasil foi *mandada para á Europa*, pelo Dr. Goeldi afim de ser estudada pelo Conde de Berlepsch e voltou ao Museu - mas uma outra parte entretanto — até hoje não voltou dos Estados Unidos.

Keyserling publicou uma valiosa monographia — Spinnen Amerikas — de que o volume sobre as aranhas brasileiras foi moldado por material enviado pelo Dr. Goeldi, que exerceu aqui por contracto o logar que eu hoje occupo. Que é do material colleccionado por esse funccionario no Museu? Não ha aqui uma unica pelle, um unico objecto com uma etiqueta sua. Onde

está esse material colhido durante os cinco annos em que S. S.ª foi sub-director da secção de zoologia?

O Dr. Clement Jobert, contractado para fazer excursões no Amazonas para o Museu reunio cerca de 3.500 exemplares de peixes que, conforme se póde ler no archivo da Secretaria, foram mandados á classificar no Museu de Paris. — Desse material publicaram o Dr. Leon Vaillant um apanhado sobre *Scleracantha* e o Dr. Pellegrin outro sobre os *Cichlidae;* o Museu, entretanto, recebeu menos de 180 exemplares de especies remettidas. E' sempre bom lembrar que o Museu adquirio uma collecção de plantas fosseis que foi mandada a certo especialista para ser determinada — pois bem, essa collecção que entre nós é conhecida pelo nome de collecção Saporta — foi vendida em leilão e comprada pelo Museu de Paris.

Onde andará a collecção José Bonifacio, offerecida pela familia do grande brasileiro?

Francamente! Ainda não é a faculdade de angariar pessoal de valor (se esse pessoal pede aos outros a solução dos problemas e para isso perde o material que é patrimonio do Estado) que resolve o problema!

Outro facto curioso e exacto é serem os verdadeiros naturalistas escurraçados d'aqui.

O Brasil — chamado o EDEN DOS NATURALISTAS — sustenta um Museu que tem a faculdade de os afastar! E os *nomes* mais brilhantes das nossas sciencias naturaes — hospedes do Brasil — não procuraram o Museu.

Lund, Reinhardt, Burmeister, Martius, Eschwege, Spix, Darwin, Agassiz, Castelnau, St. Heilaire passaram pelo Brasil ou nelle residiram sem fallar no Museu e quando o fizeram foi da seguinte maneira: Agassiz, Viagem ao Brasil:

«Impressões geraes do Brasil — O museu do Rio de Janeiro (1868). O Museu Imperial de Historia Natural na capital do Rio é antiquado; para quem quer que saiba, o que sejam museus com vida e trabalho, é evidente que as suas collecções permaneceram por annos na sua condição actual sem addições ou melhoramentos. Os animaes montados, mammiferos e aves estão esmaecidos; e os peixes, com excepção de alguns bellos especimens empalhados e do Amazonas, não dão idéa da variedade encontrada nas aguas brasileiras. Melhor collecção seria feita em qualquer manhã na praça do mercado. O museu contem alguns bellos fosseis do valle de S. Francisco e do Ceará, porém nenhuma tentativa foi ainda feita para determinal-os.»

E' evidente que um tal juizo seja antiquado e muita cousa tenha melhorado... porém... os bellos fosseis ainda esperam, em muito grande parte, a suspirada classificação...

Burmeister veio ao Museu Nacional e offereceu-lhe um esqueleto de *Schelidotherium* em 1886; não se contentou com a offerta, quiz vir montar aqui o esqueleto. Pois bem, ainda ha testemunhas oculares da formidavel reprimenda que — de viva voz — fez elle á direcção d'esta casa

por occasião do trabalho. Melhor do que eu vôs contará o Snr. Eduardo de Siqueira que o presenciou.

E assim tem explicação as seguintes palavras de Lacerda:

«Burmeister foi um naturalista classico da America; foi elle que, com a sua alta sciencia e os seus grandes esforços ergueu o Museu de Buenos Ayres; foi elle quem fez resurgir do lado as formas colossaes da fauna quaternaria da America do Sul, sepultadas nas pampas argentinas. *Caracter rispido, duro, intolerante, estranho á tudo quanto não fosse objecto ou assumpto referente á sciencia que elle cultivava.* Burmeister conquistou pelos seus *numeros* importantes trabalhos em varias secções da zoologia — uma reputação universal — Fastos, pag. 61.

Pois meus senhores, ainda bem esse homem que o Brasil não soube aproveitar para lhe entregar a direcção do Museu Nacional, havia virado as costas, de volta á Buenos Aires — que se pintava á oleo o esqueleto fossil por elle offerecido e carinhosamente montado. E se duvidaes, ide em visita á sala de paleontologia em que o dito esqueleto se acha exposto.

Riedel, nomeado director do Museu — só foi conservado em tal cargo anno e meio. Ihering e Fritz Müller, exhoneraram-se; Ule foi demittido sob o pretexto de que fizera reclamações diplomaticas. Julio de Moura abandonou o logar sem a menor despedidda; Dusén foi chamado á concurso depois de varios annos de serviço nesta casa. Hartt, nomeado em 76 para a secção de mineralogia em 77 pedia demissão. Derby me disse pessoalmente:

«Tudo quanto eu poderia desejar ao Museu éra que pegasse fôgo...»

Eis ahi o que dizem do Museu, os dados officiaes e officiosos.

Na proxima conferencia vamos ver se o diabo é mesmo tão feio como se pinta e porque anda elle tão por baixo.

3ª Conferencia

O que os Governos fazem do Museu

O que elle deve ser

A LICÇÃO DE RONDON

A Commissão Rondon e o Museu Nacional

III

O que os governos fazem do museu;—o que elle deve ser,—a licção de Rondon. [1]

«Eia, aprendei, colonos, cada amanho.
E amansai cultivando o que é bravio.
Não jaza inerte o sólo: Bacho exulta
No Ismaro; Pallas o Taburno veste.
As que montam por si com força ás auras
Viço infecundo ostendem; lá de baixo
A Natura as anima; se as enxertas,
Se as transplantas, comtudo, á fofas camas,
A bronca indole despem; trato assiduo
Em breve á teu sabor ha de amoldal-as.
Renovo que engelhado sahe das barbas,
Se á larga o arejas, vingará; que a madre
Folhuda o abafa, enguiça e os botões queima.
Tarde aos nettos dão sombra as de semente:
A especie degenera, olvida os succos;
Pêca azeda-se a uva, he de aves prêa.
Que as desponhas em rego todas querem
Querem todas cuidado e arrumo e gasto.»

Virgilio, Georgicas, livro II,
por Odorico Mendes, pag. 106 vs. 44 á 60.

Em fins de Outubro de 1914, ungidos do sagrado interesse de bem servir á Patria, tres homens, brasileiros eminentes, procuraram a directoria

1) As duas conferencias anteriores já foram publicadas no Jornal do Commercio de 9 de Abril e 17 de Maio de 1916; a presente ali teve os seus originaes extraviados, sendo aqui publicado de uma cópia reservada pelo auctor.

d'esta casa; éram os Snrs. Drs. Carlos Peixoto, Antonio Carlos de Andrade e Sá Freire — membros da celebre commissão dos tres, indicada, pelas commissões de finanças do Congresso, para oriental-as nas medidas mais necessarias para o orçamento de 1915.

Nada teria que ver com semelhante facto se, por estar ausente o director do Museu, não me coubesse a subida honra de ser chamado á dizer sobre o que se referia ao estabelecimento. Comprehendestes immediatamente quão formidavel não se tornava tal honra, tendo-se em vista as minhas ligações de amizade com o fallecido Dr. Lacerda, para com esta casa e, ao mesmo tempo, os meus deveres como cidadão brasileiro e funccionario de terceira cathegoria aqui.

Optei incontinente por uma evasiva — o que conseguí com relativa facilidade, convidando a Commissão á um passeio pela casa; e graças aos auxilios que me prestaram, o Snr. Dr. Antonio Carlos — cuja curiosidade pelo que via foi-me de grande proveito — e o meu amigo Carlos Moreira, em cujas mãos deixei a fumegante bomba...

E' certo que, depois, á guiza de acto de contricção, eu satisfiz-lhes cabalmente o intento e com a mais ampla franqueza para com os meus amigos do museu. Não sei se consegui o perdão dos Snrs. Congressistas; mas o que eu aconselhei e é minha opinião firme e sincera, está expresso nas 6 cartas que, em Novembro d'aquelle anno, publiquei pelo «*Paiz*».

Na epocha actual, do *dominio da especialidade*, os museus complexos são anachronicos e nenhuma razão há que os sustente.

Elles são, mais ou menos, sinecuras protegidas pelo numero, onde póde-se passar uma existencia calma sem o conhecimento dos contribuintes; e pouco ou quasi nada adiantam quando não caminham n'um sentido unilateral. O seu andar é tropego e incerto, falho e ridiculo como o do carangueijo; reproduzem para sempre a eterna fábula da lagosta, do eterno Lafontaine. E' o corpo que domina a cabeça. Mechanicamente incompleta, esta se dissimula na massa geral e o individuo, quanto mais caminha, tanto mais se afasta do que lhe fique á frente.

Consequentemente, propuz a dissociação dos quatro museus concentrados n'esta casa, com as seguintes resultantes:

I

Secção de Geologia, Mineralogia e Paleontologia — reunida ao Serviço Geologico e Mineralogico do Brasil, elevado á Museu de Geologia e Mineralogia.

II

Secção de Botanica (Herbarium) e Horto Botanico (Arboretum) reunidos ao Jardim Botanico, elevado á Museu e Jardim Botanico.

III

Secção de Zoologia permaneceria como Museu de Zoologia (a antiga casa de Passaros).

IV

A Secção de Anthropologia seria constituida como Museu de Anthropologia e Historia.

Indiquei os orçamentos com elevados saldos sobre todas as propostas do governo. E nenhuma despeza, além das de uma simples mudança feita em caminhões do Estado, quebraria a marcha economica do governo actual — á cujo encontro vinha.

Um regulamento como os que o Governo promulgou em relação ao Jardim Botanico e Serviço Geologico seria sufficiente para qualquer das quatro instituições.

A vantagem principal d'essa dissociação reside: I — na economia pela concentração dos serviços da mesma natureza; II — na autonomia consequente de cada um delles que, tendo as suas verbas isoladas e distribuidas em orçamentos impede os mil e muitos factores que as desviam de suas applicações.

A segunda d'essas premissas dá as seguintes consequencias: I — marcha parallela e independente dos serviços. II — Fiscalisação autonoma e publica de cada um delles. III — Selecção do pessoal pela exigencia de especialistas nas respectivas direcções. IV — Impossibilidade da eliminação ou reducção iniqua das verbas de material com as quaes qualquer dos serviços tenha de se desenvolver.

Livre de agir, o Governo optou pelo museu complexo. E n'isto tem a excusa do exemplo de muitos governos no mesmo procedimento.

Restabeleceu, entretanto, com vigor muito maior ainda, a dualidade de direcção, dando mão fórte á tendencia exclusiva e avassaladora dos cursos, esquecendo o fim especial dos museus.

Conservou os funccionarios superiores como *professores e deu-lhes a significação academica.* Quando se havia de apoiar em geologos, mineralogistas, botanicos, zoologos, conservou uma Congregação que vem prejudicar, por completo, a iniciativa do director, sendo por sua vez prejudicada, essa Congregação, por não lhe competir a distribuição e applicação das verbas.

Antes que eu pedisse — é o proprio actual director do Museu quem nos traz, agóra, a confirmação do que digo:

«Imparcial, Segunda-Feira, de 3 de Abril de 1916: «Os professores do Museu reconhecem a extraordinaria vantagem das sessões em Congregação *que*

são uma incontestavel garantia ao bom andamento dos trabalhos e consecutiva prosperidade do instituto, interessando todos nos projectos *e resoluções, dividindo, portanto as responsabilidades»;* mais adiante: «... um director que quer trabalhar... é sempre incommodo aos que não gostam de trabalhar... os trabalhadores sentem-se bem commigo... os outros julgam-se lesados em direitos adquiridos...»

E' pois o Director do museu que vem confessar que ha descontentes contra os quaes não tem meios de fazer trabalhar, e que a congregação é bôa porque divide as responsabilidaddes.

Outra confissão do mesmo dia é que foi o Senador Bueno de Paiva quem amparou o roçamento do Museu...

O *secretario do Museu Nacional do Rio de Janeiro*, escolhido pelo Coronel Rondon *para fazer Historia Natural na Commissão*, escrevia em 1908, n'uma noticia de sua viagem:

«E uma vez que possuimos museus, é para esses que deve convergir todo auxilio dos poderes publicos, á par de uma fiscalisação mais severa dos respectivos serviços. Com as verbas de que são dotados, torna-se impossivel exigir-se d'elles um bom serviço de exploração, e é á taes estabelecimentos que incumbe eliminar os disticos de — Desconhecido — do mappa da Republica.

Com o pouco que possuem o que elles tem feito é bem pallido em relação ao que devem produzir. E parece que mesmo esse parco trabalho que apparece é *o fructo de sacrificios que pesam sómente sobre o desventurado que se arrojou á executal-o.*

Os museus são outras tantas bibliothecas onde, em vez de palavras e estampas, são encontrados — os factos e as suas provas —; e se as bibliothecas propriamente ditas são importantes porque encerram os livros que, disseminando o saber, são a base de todo o progresso, essas *bibliothecas concretas* não o são menos, por encerrarem a expressão exacta da Natureza ou as licções materiaes do proprio saber humano.»

Essas minhas palavras escriptas em 1908 na Kosmos, n.º 9 — anno V, repetidas por outra fórma em as cartas de Novembro de 1914 á que já alludí, continúam ainda com toda a actualidade, porque os Poderes Publicos ainda vão errados no que tóca aos serviços de Sciencias Naturaes da União.

Como dar cumprimento á essa funcção principal do museu — a de apagar os titulos de desconhecido das *cartas* do Brasil e da *Natureza brasileira?* Como iremos colher *«os milhares de objectos dignos de observação e exame* e que pódem ser empregados em beneficio do Commercio e da Industria e das Artes» se as nossas funcções nos prendem aqui, pertinho da Avenida, creada para goso do Mundo pelo benemerito Dr. Rodrigues Alves?

Foi sob a gestão do Dr. João da Silveira Caldeira — de 1823 á 1827 e auspicios do Ministro José Bonifacio de Andrade e Silva — que foram contractados serviços de naturalistas que se abalançavam á se alheiar das capitaes, por certo, naquella epocha sem os attractivos de hoje.

Foi então que para aqui colligiram Silva Manso, von Sellow, Pauli e, mais tarde o proprio Natterer.

Foi sob a gestão de Ladislau Netto que o pessoal do Museu começou á fazer excursões, dando o proprio Netto o exemplo na execução.

Todas as excursões do Museu pódem ser referidas ás seguintes localidades: — Pará (Pacoval e rio Capim); Espirito-Santo e Minas (Rio Doce e Mucury); Bahia (Jacobina); Santa-Catharina (Littoral); Rio Grande do Sul, Rio e Minas (Itatiaya).

Como se vê não é muito, entretanto, o material d'ahí colligido, mais ou menos estudado, existe no museu e é, ainda, fonte de muita luz para a sciencia do Mundo.

Ao contrario, a *maior parte* do material angariado *nos contractos* e, como já se vio, *mesmo algum colligido*, não tem hoje existencia no Museu.

Uma parte do que se perdeu, corre, sem duvida, por conta da falta de mostruarios e material para guardal-os convenientemente — sendo que, em certos momentos veio ainda a falta de pessoal para execução desse serviço.

Tal facto tem occorrido quando para aqui tem sido mandados preparadores e praticantes que se destinam aos cursos das faculdades superiores e sem outro interesse que as mensalidade e os quaes, por melhor vontade que tivessem, nem sempre conseguiram vencer a natural inaptidão para os seus cargos.

Com effeito, o museu tem concorrido para a formatura de muito medico e mesmo advogado; e é altamente philanthropica essa acção do Estado contribuindo para a cultura de seus cidadãos. Mas, occorre aqui lembrar que se tal feito é recommendavel ao Estado, não nos parece justo o meio, porquanto o proprio Estado possue verbas especiaes no Ministerio da Instrucção Publica que, attendendo-se aos respectivos titulos, justificam perfeitamente taes dispendios.

E tal facto que denota já a protecção de creaturas que se destinam a fins alheios ao museu, prejudica não sómente a repartição assim desfalcada de logares e de verbas, como ao desenvolvimento das sciencias naturaes no paiz, porque aquelles que pretendam especializar-se n'esse restricto ramo do saber humano, acham fechada a unica porta que lhe poderia garantir o exito.

Por sua vez todas essas anomalias só tem explicação no dualismo administrativo, pregado sobretudo na segunda metade da administração Lacerda e acceito nos regulamentos — de agora inclusive — que permittem *directoria administrativa e funccionalismo technico* — o que vale por dizer directoria leiga e funccionalismo conhecedor do assumpto.

Essa theoria viavel para o caso unico dos museus finidos — isto é dos museus archivos que apenas precisam de méros zeladores, sob a condição de attribuir-se a iniciativa aos chefes de secção ou ás congregações, tal como no caso do regulamento Floriano ou mesmo Campos Salles, em que a Congregação distribuia entre as secções e applicava as verbas, examinando todas as parcellas das despezas feitas e exercendo uma fiscalisação directa dos dinheiros votados. E' claro que a Directoria passava á ser, com effeito, a Congregação, ao passo que a chamada Directoria éra, na verdade, apenas uma Secretaria sem iniciativa.

Esse estado de cousas presenciei eu durante dez annos á fio — e durante elle só fez excursões quem as quiz fazer e isto mesmo *ás longinquas e difficillimas* paragens do Itatiaya, de Iguape em Santa-Catharina e de Minas Geraes, correndo os mesmos grandes riscos e as mesmas peripecias que correm os Snrs. Senadores e Deputados fazendeiros, todas as vezes que sahem de seus pennates para os labores das legislaturas.

E' claro que á não ser para as *inhospitas terras* de *Minas Geraes*, ninguem se abalou á sahir; e é ainda mais claro ainda que dispondo da faca e do queijo cortasse ás avessas quem se sabia isento de responsabilidades.

Foi sob o Governo do Dr. Nilo Peçanha que o funccionalismo do Museu se vio recompensado de módo equitativo e justo em face dos seus deveres; e não ha funccionario d'aqui e d'essa epocha que não lhe seja grato por essa medida de justiça. Seria tambem ingratidão deixar de mencionar os esforços do Ministro Rodolpho Miranda n'esse sentido e a influencia do Professor Sergio de Carvalho, graças á quem o museu passou para o Ministerio da Agricultura.

Porém, ainda não está explicado porque, com essa mudança para melhor, veio a Congregação á perder as suas funcções, para passar ás de capa exclusiva dos actos dos directores. Foi essa reforma ainda aggravada de outros defeitos que o Governo actual encontrou, encampou e ampliou.

Synthetizemos o conjuncto da evolução do Museu; póde-se attribuir tres phases ao seu desenvolvimento:

I

1818-1870 — Fundação e stáse em regimen didactico sob a direcção dos professores da escóla militar — Frei Azevedo, Brigadeiro Burlamaqui e Fr. Custodio Alves Serrão.

II

1870-1893 — Evolução e progresso sob o regimen dos naturalistas Freire Allemão e Ladislau Netto; periodo de excursões e conferencias. Fundação dos Archivos. Desenvolvimento das collecções. Acquisição de espaço com mudança para a Quinta da Bôa Vista.

III

1893-1914 — Regimen escolastico e dual sob a direcção do Dr. Lacerda. Acquisição de mostruarios e desdobramento do edificio; elevação dos salarios do funccionalismo. A' principio tendencia scientifico-industrial, depois dominio da direcção leiga absoluta.

A vida e o exito de estabelecimentos d'esta ordem dependem de factores muito simples: naturalistas e meios para que estes se desenvolvam. Por meios intenda-se autonomia e propriedade de verbas; com effeito que poderão fazer quatro museus juntos com recursos que não chegam para um? As razões de economia não procedem porque eu provei nas já alludidas cartas, ser possivel fazer o serviço melhor e muito mais barato, com a separação d'esses museus.

E que é um naturalista?

Quando eu entrei, pela primeira vez, no Museu Nacional, éra ainda estudante de preparatorios. Eu que na bibliotheca municipal da cidade de Valença encontrára a Historia Natural popular do Dr. Anstet — em portuguez — (livro que por falta de dinheiro copiei em manuscripto que trouxera para o Rio de Janeiro); — e uma edição de luxo de Buffon, (que para ler e traduzir precisei primeiro estudar o francez — tendo tambem traduzido a parte dos Simios), tive uma formidavel emoção por encontrar aquelle repositorio que eu julgava a solução de todas as difficuldades da zoologia...

Percorrí, embevecido, todas as sálas e voltei ás de zoologia onde, á tarde, a mão amical do Porteiro, (cujo ar severo e barbas á Francisco José emprestavam uma auctoridade respeitavel), tocando-me o hombro, interrompiam-me a contemplação e me mostravam, ao mesmo tempo, a porta da rua.

Não éra, no emtanto, possivel á nenhuma força retirar-me assim sem mais nem menos; travei conversa com o homem — Antonio Alves Ribeiro Catalão (1) — á quem pedí me apresentasse ao Director do Museu, pois eu queria permissão para frequentar aquelle templo.

Catalão éra inegavelmente um homem bondoso, com tada as sua apparente ferocidade de ex-inspector de alumnos do Mosteiro de S. Bento. — Marcou-me o primeiro domingo para a apresentação e eu tive o ensejo de conhecer a imponente figura do Conselheiro Ladislau Netto. Interrogou-me este de que ramo da Historia Natural eu gostava e, em seguida á resposta, deu-me a almejada permissão. Lembro-me bem d'esse domingo, em que havia um serviço extraordinario, o preparo d'uma suaçurana de que fora encarregado o então preparador Carlos Moreira. N'esse dia mesmo eu o ajudei e d'ahí por diante começaram e augmentaram gradativamente as minhas fugas do collegio. A' pouco e pouco fui conhecendo uma outra parte do Mu-

(1) Presente á conferencia.

seu em que nem sonhára; a sua parte dynamica. Interessante e curioso éra o systema que encontrei então e se prolongou, depois, pelos tempos de Lacerda: e éra o de constituirem os empregados duas cathegorias: uma de verdadeiras entidades intangiveis, superiores, destinadas aos cursos e prelecções pomposas e outra a de verdadeiros pariás, sem direitos, obrigados as determinações e viagens e sob o nome de «*naturalistas viajantes*», depois «*naturalistas ajudantes*». Em geral estes mesmos éram postos em duvida pelos divinos e o material éra mandado aos sabios d'além mar que com elle ficavam e nem sequer nos mandavam as monographias que mesmo lá publicavam. Umas cartas em que existissem os queridos dizeres de «très honnoré et chèr collègue» éram saborosamente traduzidas nos jornaes diarios e bastavam para sagrar de «sabio» quem recebia tão faustoso tratamento.

Um dos martyres d'essa epocha foi Carlos Schreiner, á quem o Museu dève a determinação das aves expostas até hoje, a contribuição de uma bôa collecção de *Lepidopteros*, a acquisição do magetherio de Jacobina, e muitos outros serviços menores.

O que, sobretudo, me espantava éra que essa gente que o Estado pagava para fazer sciencias naturaes, quizesse apenas as apparencias junto á Rua do Ouvidor e guardasse para os outros os onus; e me rebellava contra a mansidão religiosa por meio da qual homens como Schreiner se submettiam á taes imposições.

Assim, a figura do ingenuo Meyer, tão bem pintada por Taunay na «*Innocencia*», tinha-se prestado admiravelmente áquelle aproveitamento pelos estagiarios communs á todas ás repartições que faziam do naturalista, não o homem á quem se devesse confiar os museus de historia natural, mas especies de maniacos methodicos, á custa de cuja molestia — como simples aceno d'esses museus, fosse possivel ir explorando o campo e galgando as commodidades de uma vida sábiamente dirigida.

Outros, está claro, não fizéram mais do que rirem-se do systema; e d'esse numero foi certamente o Dr. Goeldi, por amor de quem Bilac chamou o Museu de *ankylosado*. Depois do regulamento Floriano exigia-se concurso e folha corrida; por ultimo nem mesmo a folha corrida éra necessaria.

Isso no museu; fóra d'elle a concepção brasileira sobre o que seja um naturalista, não varia muito: Certa vez, indo eu ao Rio Novo, fui apresentado á um professor da Escóla de Minas de Ouro Preto, alí de passagem. O meu introductor que éra o Pharmaceutico Francisco de Paula Leopoldino de Araujo á quem o museu muito deve, dizia: «Fulano de tal, naturalista»... e já o Professor respondia escandalisado — «Com esta cara! Naturalista!»... E deu-me as costas sem a menor cerimonia...

Para Julio Verne não havia naturalista sem oculos azues e aro de ouro; é certo que a generalidade dos Professores mineiros não pensará assim — mas os outros brasileiros, em geral, não admittem naturalista com o typo commum de qualquer de nós — ha de sempre ser uma especie meia hir-

suta, meia exquisitona, um mixto de anthrophoide e de visionario, sujeito meio desleixado, mais cabello do que corpo, mais lobishomem do que ser humano.

Procurando uma apreciação média, podemos concordar que naturalista, aqui, significa lógo estrangeiro e principalmente allemão.

E' forçoso convir que esse sentimento seja o corollario da negação dos nossos avós pelas sciencias naturaes. A nossa fonte de origem é principalmente lusitana e os naturalistas portuguezes são recentes; e Portugal não teve um Lamarck, um Darwiin ou um Haeckel — cousa que ainda não appareceu egualmente no Brasil.

A aberração contra as sciencias naturaes é quasi uma feição morphologica dos luso-brasileiros, ao passo que phenomeno contrario se observa nos europeus ou americanos de origem celtica, anglo-saxonia, slava ou germanica.

Parece-me que não érro se digo que em razão de 10:1000 os allemães sejam naturalistas. E na Allemanha todo mundo sabe que *Naturforscher* é aquelle *estudante inteira e eternamente consagrado ás sciencias naturaes*. Seja como fôr, é certo que todos nós que temos o dever de explicar ao publico pagante o que é e para que serve tal rocha, tal planta ou animal, se não nos queremos classificar pelos nomes de *geologos*, *botanicos*, *zoologos*, etc., por certo mais lógica e explicitamente constituidos, não encontramos no diccionario outro termo que não seja o de *naturalista*. Não sei porque teimosia havemos de ser *Professores!* Todo homem que tóca rabeca é rabequista, que pinta é pintor, que preside é presidente e nós, que fazemos sciencias naturaes não somos naturalistas; que fazemos zoologia não somos zoologos; que fazemos botanica não semos botanicos!

Professor é todo individuo que devidamente auctorisado professa uma disciplina qualquer.

E o que temos nós por dever?

Estudamos os os «milhares de objectos dignos de observação e exame que podem ser empregados em beneficio do Commercio, Industria e das Artes e *propagamos* por meio dos «Archivos», de *conferencias*, etc.», os nossos resultados ao mundo civilizado; e este, recebe, *critica, acceita* ou repelle esses mesmos resultados.

E os professores? Depois de *terem aprendido as verdades admittidas e não mais discutidas*, sujeitam-se á exame para mostrar que *sabem transmittir essas verdades e as professam á quem quizer aprendel-as.*

Um collige, investiga e entrega á critica.

Outro transmitte, repete, o que a critica seleccionou e admittio.

Ainda outro dia vimos bem claramente frizadas essas differenças com a conferencia Betim Paes Leme, na questão da Euxenita do Pomba. Óra, está claro que ella não seria necessaria se o sympathico sciencista tivesse de fazer uma prelecção sobre euxenita, em geral.

Mas como se distingue, afinal, um *naturalista?*

Na Europa, geralmente, após o curso universitario, á antiga em que entram disciplinas classicas, ou á moderna em que apenas se aprende o que tem applicação pratica e existencia actual, é-se *naturalista* official estudando-se tres semestres, com professores escolhidos pelo candidato e escrevendo-se uma *these* original. Eis ahí um *doutor*, dito *em philosophia*. Geralmente o titulo é indicado por uma abreviação de Dr. em philosophia, *Ph. Dr.*

Para ser professor as difficuldades crescem com exigencia de onze annos de estudos, findos os quaes o paciente é examinado por todos os seus lentes. Antigamente esses exames, verdadeiros debates scientificos, éram sustentados em latim. Mas esta classe de mestres não tem privilegio para estabelecimentos de historia natural onde haja trabalhos de investigação. O grande Fritz Müller não éra Professor; Professores não foram Darwin nem Bloch, nem Gould, nem Sclatter, nem Schlegel. Professores não são nem Thomas, nem Boulenger, nem Regan, nem Steindachner, nem Toldt Junior, que sei eu... poderia trazer para aqui qasi $^3/_4$ dos indices dos naturalistas da superficie da terra.

E é claro que assim seja, porque o preparo encyclopedico exigido para o verdadeiro professor, absorve-lhe o tempo. — O Professor Anizitz, que aqui esteve pelo Congresso Scientifico Pan-Americano do Rio de Janeiro, dizia-me que não podia produzir porque o seu dia estava tomado pelas disciplinas que professava.

Por causa d'isso perdeu elle muitos ensejos de bons trabalhos scientificos originaes e bôas diagnoses da fauna sul-americana, algumas das quaes, Eigenmann e eu, lhe tomámos involuntariamente.

Nós não podemos acceitar sem protestos um titulo que não nos compete e que não significa a nossa profissão e muito menos uma funcção que falsea a existencia do estabelecimento á que servimos.

Professor segundo a accepção brasileira é o homem que faz do ensino profissão, estudou exclusivamente para preparar a mocidade, acompanhando-a nos cursos preparatorios e superiores — findos os quaes acaba-se a sua missão; e, nos paizes organisados, só á póde exercer quem possúa certificados officiaes.

Nós os naturalistas — sahidos ou não dos cursos dos professores, temos o dever de investigar a natureza — communicando, quando necessario ou util, os nossos resultados á communidade.

«Querendo propagar os *conhecimentos e estudos das sciencias naturaes do Reino do Brasil, que encerra em si milhares de objectos dignos de observações e exame e que podem ser empregados em beneficio do Commercio, da Industria e das Artes* que muito desejo favorecer, como grandes mananciaes de riqueza... Hei por bem que n'esta Côrte se estabeleça um Museu Real...», foi o que disseram D. João VI e Thomaz de Villa Nova Portugal, quando crearam este Museu.

Portanto, nós que respeitamos a tradição e honestidade das nossas propromessas, não podemos acceitar qualquer mudança de funcção nem de nome

porque a nossa funcção está prêsa á nossa vida, ao nosso ideal e á nossa bôa fé.

Pela minha parte serei tanto professor quanto o fui *Secretario do Museu* quando em 1908 partí para Matto-Grosso na Commssião de Linhas Telegraphicas e Estrategicas de Matto-Grosso ao Amazonas.

«Você não é Professor? me perguntava Steindachner, o director do Museu de Vienna; e á minha resposta negativa elle explicou-me: E' que eu não os quero aqui no Museu de Vienna; não se dedicam ao objecto de sua funcção e roubam ao Museu com o exercicio das aulas.

A' final é isso mesmo; a unica vantagem do titulo de Professor no Museu, está na faculdade das accumulações remuneradas.

Se o governo teima em conservar effectiva a disposição dos cursos póde fazel-o com a condição de encarregar d'esse serviço empregados especiaes que poderão ter o titulo de professores e de fornecer certificados de utilidade aos frequentadores dos mesmos cursos.

Esses empregados deverão ser escolhidos ou acceitos dentre os diversos naturalistas do museu que estejam já em condições de não poderem arcar com o peso das funcções de geologo, botanico, zoologo ou anthropólogo e prefiram aquella funcção. A exigencia de serem tirados taes funccionarios do corpo de naturalistas, repousa no cuidado do tracto das collecções; professores livrescos não sabem differenciar uma collecção de museu d'uma collecção para demonstrações e tanto inutilizam aquellas como estas.

Se me consultassem eu preferiria mandar nacionaes adquirirem titulo de professores na Austria ou na Inglaterra e encarregava a esses ao realização de cursos tão queridos.

Nas condições propostas pelo governo, entretanto, tudo quanto está feito reproduz a organisação Lacerda com todos os defeitos imaginaveis, começando pela impossibilidade mechanica em face da exiguidade do pessoal.

Além da possibilidade da sinecura dos dirigentes, outro defeito das instituições complexas reside tambem na apparencia do grande numero, porque se apresenta em globo.

O museu de Xavier dos Passaros éra um museu em inicio — e dispunha d'um director, 2 ajudantes, 2 caçadores e 3 serventes, o que póde ser traduzido do seguinte módo: um zoologo, dous assistentes, dous preparadores viajantes e tres serventes.

Esse museu, corresponde hoje á secção de zoologia que, sendo a que tem maior pessoal, dispõe de um chefe (Professor), um substituto, dous preparadores, um modelador e dous serventes, ou venha a ser menos que a casa dos Passaros.

Agóra calcule-se que esses serventes tem por sua conta 15 salões de exposição á limpar; 15 compartimentos do laboratorio da secção á limpar e arrumar quotidianamente, o serviço determinado pelos superiores á cumprir, assistencia aos trabalhos.

Os preparadores tem a escripturação diaria, a preparação do material que entra, a conservação do material exposto e guardado em duzentas vitrinas nos quinze salões de exposição, zelar pelo material das 15 salas do laboratorio, cumprir ordens recebidas e preparar o material pedido pelos superiores. O professor e substituto quando sahirem em excursões terão de interromper os cursos, quando fizerem os cursos terão de abandonar o material colhido nas excursões.

Eis ahí de como o governo cumprio a sua promessa de «produzir salutares e beneficos effeitos, estimular a exploração das abundantes minas do nosso Brasil animando tão promissora industria».

Sinto que o Dr. Wenceslau Braz tenha desprezado as minhas palavras quando quiz dar ao Museu a honra da sua visita; e eu lhe disse, com toda a verdade, que o Museu Nacional éra uma repartição que podia ser equiparada á um bom museu — faltava-lhe apenas, *orientação*, «o que éra preciso, disse eu, *éra dal-o aos fins á que se destinava*».

Sua Excia. não me acreditou — naturalmente não passando eu de um *curioso*» ou «sujeito que tem escripto umas coisas curiosas» ou como outros querem, um «*colleccionador ou especialista em peixes*», *não tive o necessario prestigio para impressionar o Chefe da Nação.*

E' certo que eu nunca me impingi como outra cousa mais que um simples estudante de zoologia applicada ao Brasil; e *que faz questão em que não o tomem por doutor nem professor*. Note-se que assim ajo, não por jactancia ou menospreço do merito alheio adquirido por esses titulos sociaes — mas ainda pelo exclusivo amor á verdade.

E' da honra que eu faço mais questão e da palavra; poderei estar errado em bôa fé; provem-me o erro e darei as mãos á palmatoria. Ninguem faz idéa do mêdo que eu tenho de que me tomem por um «baçú»; não faço nisso injustiça aos homens instruidos não diplomados, o meu respeito por estes é tão grande como por aquelles, mesmo porque o diploma não evita o *baçúismo* (se me permittem o termo) e ha infelizmente muito baçú em toda a superficie da Terra. A minha questão capital reside na bôa fé, na honestidade, base principal da verdadeira sciencia. E é por isto, no intuito de «bem servir ao rei» que eu volto á repetir que o museu não é apenas «*deposito de material de estudo*». Basta considerar, nas suas quatro secções, o valor do que existe *reunido* e *estudado* por especialistas estrangeiros ou por aquelles funccionarios d'esta casa que tem se opposto á feição transviada que os governos lhe tem até hoje querido dar, para não se admittir semelhante juizo; vejamos:

Secção de Geologia, Paleontologia e Mineralogia

I, Collecção de fosseis *estudada* e *classificada* por White, da America do Norte.

II, Parte da collecção de fosseis estudada por Agassiz.

Secção de Botanica

Hervario da flora brasileira e já determinados parte do de Dr. Freire Allemão, de Riedel, o de Lindmann, de Mosén, de Spencer Moore, de Dusén, de Glaziou, de Ule, de Malme, de Schwake, de Hoehne, de Sampaio e Diogo; hervario do Ceará estudado por Löfgren e muitos outros.

Secção de Zoologia

Collecção de molluscos do Brasil determinada por von Martens; idem de insectos do Brasil ou collecção de Friedenreich; idem, idem de Fritz Müller; collecção de crustaceos determinada por C. Moreira, collecção de aves determinada por C. Schreiner e pelo Conde von Berlepsh, collecção de mammiferos typo dos trabalhos da Commissão Rondon, estudados pelo prelector; collecção de peixes estudados pelo mesmo; collecção de Lepidopteros estudados por C. Schreiner; collecção de Beija-flores estudados por C. Moreira, Siqueira e o prelector. Material do Itatiaya estudado por C. Moreira e pelo prelector; collecção de hymenopters estudados por Friese; idem por A. Ducke; collecção de molluscos estudados por Ihering.

Secção de Anthropologia

Todo o material enumerado na estatistica da segunda conferencia, acrescido do da Commissão Rondon, typo dos estudos deste e de Roquette, collecções preciosissimas de ceramica do Marajó, estudadas por Hartt e Netto.

Basta uma simples consideração d'este material já *estudado* para se verificar, como já é possivel a resolução de problemas scientificos, importantissimos e ligados á vida da Nação e de interesse mundial.

. . . . . .

Nada ha de novo sob o sol!

Como se applicam aqui as palavras judiciosas de Frei Custodio Alves Serrão. «Os poderes publicos ainda não comprehenderam a importancia e a utilidade do nosso Museu!» Palavras de 1844...

Já disse — a causa dos males do museu reside na sua complexidade e na orientação falsa em que os diversos governos o tem mantido:

Vejamos ainda um terceiro livro de sua historia:

«Le Muséum National de Rio de Janeiro et son influence sur les sciences naturelles au Brésil par Ladislau Netto, 1889, pags. 17 á 18.

«O Ministro d'Agricultura (em cujas attribuições se encontrava a administração do Museu) éra no mez de Julho o Snr. Thomaz Coelho d'Almeida. Apresentei-lhe um novo regulamento mais em accordo com os progressos d'esse estabelecimento e necessidades da sciencia. O regulamento redigido e inspirado do honrado Ministro differe muito do que eu propuzera. Foi approvado por decreto de 6 de Fevereiro de 1876. *Meu projecto éra muito mais complexo e comprehendia alguns generos de trabalhos de que não se trata no regulamento acceito;* mas tratava-se de despezas mais consideraveis, de um pessoal mais numeroso, questões economicas que o governo não podia mesmo resolver no momento.

O museu, segundo esse regulamento, éra dividido em tres secções: *1.ª) anthropologia, zoologia geral e applicada, anatomia comprada e paleontologia animal; 2.ª) botanica geral e applicada e paleontologia vegetal; 3.ª) sciencias physicas, mineralogia, geologia e paleontologia geral.* O mesmo regulamento creou uma quarta secção annexa provisoriamente ás tres outras e devendo comprehender a archeologia, a ethnographia e a numismatica. Esta secção especial com exclusão, bem entendida, da numismatica, *éra então, como hoje, destinada á servir de base á um museu de archeologia e ethnographia americanas.* São sciencias que tendo por fim o estudo da raça americana e a arte dos povos selvagens primitivos ou modernos do novo continente, devem ter sem demora, o maior desenvolvimento no Brasil, etc.», pag. 20, «mas, volvendo ao apanhado que eu começára do regulamento de 1876. Cada uma das tres secções devia ter um director, um sub-director, além d'um preparador e dous ajudantes. Aos directores e sub-directores competia não só a redacção d'uma revista intitulada Archivos do Museu Nacional e destinada a *publicação das pesquizas scientificas sobre as materias comprehendidas nas tres secções do Museu, mas ainda o ensino* por cursos publicos á noite. Estes foram começados quasi em seguida á promulgação do regulamento. A affluencia do publico foi bastante grande á principio mas *diminuio consideravelmente porque, salvo algumas excepções ella éra produzida por um simples sentimento de curiosidade. E' preciso dizer que o professor Carlos Hartt, que eu propuzera para director da terceira secção foi obrigado á se ausentar constantemente e á se consagrar especialmente á commissão geologica de que éra chefe e cujos multiplos trabalhos não lhe permittiam ter outras occupações; vio-se mesmo forçado á se exonerar de seu logar que por muito tempo ficou vago.*»

Pag. 22. «Os cursos d'esse estabelecimento só cessáram durante estes ultimos tempos mas provisoriamente e por motivo de força maior», etc. «*O proprio governo, afinal, confirmou esta medida na nova organisação que acaba de dar ao Museu brasileiro, pois que, em vez de impôr ao publico um curso que elle não seguio, como eu já disse, cada professor segundo o novo regulamento, fará conferencias* sobre os assumptos mais notaveis da secção, sempre que fôr opportuno».

As paginas seguintes prendem-se aos trabalhos do Museu até proximo de 1889, dizendo Netto, á penultima pagina do livro as seguintes palavras:

«O Museu Nacional acaba de receber do governo imperial uma nova organisação, cuja base é, com poucas modificações, a mesma que em 1876 lhe deu o Snr. Thomaz Coelho. Na verdade, não seria do regulamento d'essa instituição que uma lei verdadeiramente *reformadora deveria se occupar mas muito antes lhe dar espaço e meios de acção efficazes, livrando-o, ao mesmo tempo das exigencia por demais restrictas da burocracia official, porque a natureza d'um Museu de Historia Natural nada tem de commum com as organisações ordinarias do Estado não mais que um serviço perfeito de mineração ou qualquer outro serviço industrial extractivo tem que ver com o escriptorio de um banco*».

Já a clarividente intelligencia de Netto reconhecia a necessidade de um *desmembramento da secção de archeologia e ethnographia em Museu á parte, ao mesmo tempo* que se percebe, sob suas palavras, um mal estar de quem não atina com os tropeços que lhe fazem fugir certos auxiliares — cousas de que não falla.

Mas... muito ha, ainda, á concluir desse seu livro sobre o museu.

O que se observa ahí, não é sómente uma simples confirmação ou comprovação, por uma pratica, do que acima disse — é preciso ver mais longe; é preciso perceber com delicadeza maior. O que ahí se revella é a explicação *do exodo dos homens de sciencia d'esta casa, motivado pela comprehensão nitida da* orientação da epocha actual, em antagonismo flagrante com a orientação escolastica antiga e despersiva.

A orientação principal de todos os governos, até os dias de hoje, está fundada na pretensa orientação franceza que os francezes de hoje já abandonaram ou vão abandonar; e ella teve o maior vigor pelo espirito de Netto, visto como foi de Paris, de cujo museu de Historia Natural elle copiou a organisação para o do Rio de Janeiro que elle recebeu a sua impressão sobre museus. Essa influencia não se dá só aqui e é causa de que sofframos todos os mesmos males de que soffrem todos os latinos que ainda não mudaram de rumo; é preciso abandonar o caminho velho e, seguir a orientação que é a causa da grandeza da Inglaterra, dos Estados Unidos e da Allemanha.

E' preciso fazer a sciencia com a sciencia; é preciso especializar para fazer bem feito — não nos illudamos por mais tempo — os musicos dos sete instrumentos são entidades para o periodo fossil de Athanazio de Kirch.

Ponderai bem que dos dous continentes da America, duas nações se desenvolveram, como dous irmãos d'uma mesma familia: Estados Unidos e Brasil. Ambos sedentos de preparar o futuro emprehenderam viagens. Os americanos do norte fizeram da Allemanha o seu campo de pesquizas — os brasileiros escolheram Paris (vejam bem que não digo França). São decorridos

muitos annos, seculos mesmo e que vemos hoje? Olhemos um pouco para traz e comparemos os caminhos, os methodos, os resultados; que aconteceu?

Os Estados Unidos são o colosso saudavel, forte e poderoso, que influe no pezo do mundo e é acatado por todos. O Brasil foi o Samsão que ouvio Dalila; é esse gigante bilioso e combalido, com principios de sciencias, sem industria, commercio estrangeiro e lavoura empobrecida. E esta magra mulher que devera, como em nenhuma terra ser a forte e bella matrona de fartos seios e numerosa e alegre próle, é a cultôra do tapete verde, enfraquecida pela vigilia das noites e desviada pelo atilamento dos que só enxergam recursos nos auxilios pecuniarios do thesouro. Mas não percamos o assumpto...

Assim, o museu de Paris soffre ainda hoje os mesmos males que o nosso museu, mas lá a reacção já começa á se produzir em virtude da critica que se vae levantando; e além d'isso o museu de Paris tem, amparando as suas oscillações, os nomes gloriosos e geniaes de Buffon, Cuvier, Lamarck, Saint'Hilaire, Valenciennes, Augustin de S. Pierre, adorados por seus compatriotas, ao passo que no Brasil nem se sabe que Fritz Müller foi empregado d'esta casa...

Não se pense, entretanto, que a censura sobre o museu de Paris seja absoluta. E' preciso reconhecer uma primeira unificação de serviços na dissociação do edificio — de modo que não há museu de Paris, ha os *museus* de *historia natural em edificios* separados; e a autonomia, virá, forçosamente apoiada pela intelligencia franceza, em futuro não remoto.

Os nossos males vem ainda do que Agassiz dizia em 1868, de que eu apenas encontrei excepção parcial em 93 no Museu. E o que Agassiz dizia é a causa das causas do nosso atrazo: «A educação é antes de livros do que de factos. Na verdade emquanto o prejuizo contra o trabalho manual de todos os generos existir no Brasil, a instrucção pratica será defficiente; emquanto o estudante da natureza julgar desprezivel manipular os objectos dos seus estudos, carregar o seu martello de geologo, fazer as suas proprias preparações scientificas — jámais passará d'um méro dilettante no terreno da investigação».

O medo de errar faz correr ao livro cuja citação é o unico escudo de combate; ninguem ousa contestar o que está no livro! A opinião do mestre d'extra muros é a sentença irrevogavel á que não nos abalançamos...

E tendo decorado meia duzia de formulas e repetido outras de conceitos incomprehendidos, estamos alçados á uma impeccabilidade intangivel...

E' facil manter essa apparencia d'infallibilidade divina, assumindo a mudez pretenciosa d'uma estatua de barro. E' o vinho de primeira, que ha cem annos se guarda e que será muito bom n'um futuro em que não existámos — vale pelo rotulo que lhe attribue qualidades — mas não se usa para que não se apague a honra da adéga...

Os que trabalham, ao contrario, erram sempre e muito mais se lhes não deixamos lazeres á reflexão — nós todos erramos e o que eu tenho

feito no museu é defender implacavelmente o nosso direito de errar. Já mostrei muitos erros do Museu. Mas se houve aqui quem elevasse uma larva de sapo á altura d'uma fórma nóva — que não podemos dizer do que succedeu á larva do Axolotl com os sabios de todo o mundo? Quem não sabe d'aquella perna de sírí que certo sabio estrangeiro chamou de maxilla de gambá? D'aquelle norte americano que descreveu a larva d'um coleoptero *Parnideo* como crustaceo d'agua doce? D'aquella sumidade ingleza que descreveu os processos rostraes do peixe-serra como genero e especies nóvas d'um animal especialissimo: *Myriosteum higginsi?* Porque não fallamos do professor allemão que descreveu um craneo de perdigueiro como sendo do lobo do Brasil?

Se houve entre nós quem descobrisse phenicios no valle do Parahyba, porque não diremos do sabio suisso que encontrou geleiras na Tijuca, ou do norte-americano que desviou o curso do Amazonas para o Prata a fim de fazer zoogeographia? Fallemos claro! Enforquemos Talleyrand! E' preciso que confessemos lealmente o que está errado sem querermos tapar o sol com filigranas; a verdade é de todos os caminhos o melhor e o mais amigo da felicidade humana.

Que concluir d'ahi?

I Que o Museu tem se afastado do seu objectivo por effeito das pressões politicas em beneficio de parte d'aquelles seus dirigentes que collocaram seus interesses acima dos do estabelecimento ou dos governos que se prestaram á desvirtuar-lhe os fins ou á guardal-o para o jogo de seus interesses partidarios.

II Que os museus são estabelecimentos especiaes que exigem funccionarios especiaes; e assim sendo os governos devem d'elles excluir quaesquer pretenções politico-partidarias o que de modo algum prejudica o equilibrio politico-partidario geral de qualquer governo, porque, como reciproca, esses funccionarios pela sua natureza, e numero não podem cuidar de partidarismo politico devendo — sempre ser afastado, como prejudiciaes, todos os que tenham semelhante vicio.

III Que n'essa isenção é que reside a verdadeira disciplina dos estabelecimentos scientificos.

IV Que uma vez rigorosamente observadas essas condições esses estabelecimentos são os melhores factores da alta politica das nações porque tramam e desenvolvem relações entre os homens de sciencia do mundo; em caso contrario, estes, conhecedores do verdadeiro valor dos homens e das cousas, desprezam os governos que lhes faltam á verdade e bôa fé procurando impingir como scientifico o intuito exclusivamente partidario.

V Que, nos tempos actuaes do dominio da especialidade a solução dos estabelecimentos de historia natural reside na unificação das funcções ou simplificação d'esses estabelecimentos; o accumulo de funcções é anti-

natural e prejudicialissimo aos serviços dos museus, sob todos os pontos de vista.

VI Que a unificação das funcções dos estabelecimentos de historia natural da União, no momento actual, seria a solução unica verdadeiramente scientifica e economica para o Museu; e n'ella reside a verdadeira autonomia de pesquizas.

VII Que tal objectivo se impõe agóra mais que nunca, á vista dos regulamentos do serviço geologico ou do jardim botanico instituidos sobre taes bases.

Já se vio que os museus, tendo por fim *colligir* (fazer excursões) e *estudar o material colligido e expol-o ou archival-o* — publicando o resultado do estudo, tem á fazer obra muito mais solida e util que essa série de modificações que aqui se tem pretendido. Imagine-se que actualmente houve quem lembrasse, pelo Jornal do Commercio a reunião do Museu á universidade que o governo pretende crear — então é que esses legados nacionaes que tem vindo atravez de um seculo augmentando o nosso parco patrimonio scientifico, iria por agua abaixo nas mãos dos professores e estudantes.... Quando o que se tem á fazer é justamente conservar esses documentos carinhosamente atravez do tempo e *permittir o desenvolvimento das competencias nacionaes ou não* que se vem revellando em nosso meio. E com isso esse patrimonio iria augmentando e consequentemente se impondo aos homens de saber e ás instituições congeneres do mundo.

Quanto á arregimentação de pessoal, ella virá expontaneamente no dia em que não fôr o *tempo o unico motivo de direitos adquiridos* — taes direitos devem ser conferidos aos funccionarios unicamente pela somma de serviços prestados ao seu cargo e sua capacidade provada pelos actos e trabalhos.

Nos museus o concurso pelo senso antigo não basta e não próva competencia; serve apenas para que, transposto o obstaculo, o vencedor sente-se á mesa dos orçamentos e espere tranquillamente a chegada do momento da aposentadoria.

Não nos esqueçamos do nosso muito amado Poeta Olavo Bilac. Bilac é hoje a expressão em verso dos nossos sonhos de bondade. Mas, elle fala como Poeta. E' preciso analysar a sua sentença como amigos da natureza e, honrado eu em ser vosso guia, comecemos rasgando «o véo diaphano da phantasia» para ver bem á gosto toda a belleza da verdade.

Vamos pois ver, tal qual como em Gil Blas de Santilhana, — de como Bilac, o mavioso poeta da Via Lactea, errando a diagnose, chamou o Museu Nacional de *ankylosado*...

Foi durante a gestão do Conselheiro Ladislau Netto, em 28 de Fevereiro de 1885 que entrou contractado n'esta casa o naturalista suisso Dr.

Emilio Augusto Goeldi que aqui servio até 1890, anno em que teve dispensa por aviso de 10 de Maio.

O seu cargo foi o de Sub-director da secção de zoologia, cargo que, no percurso das accidentadas viagens atravez dos regulamentos, metamorphoseou-se em substituto da secção referida.

Além do contracto durante esse tempo o Dr. Goeldi teve uma commissão especial por parte, se não me engano, do Dr. Rodrigo Silva, quando Ministro da Agricultura e os resultados foram publicados nos Archivos do Museu. E' um trabalho de phytopathologia sobre a molestia do café, comprehendendo 111 pags. e 5 estampas e datado de 1 de Setembro de 1887. Vamos ler as suas conclusões:

> «O verdadeiro remedio contra a molestia do caféeiro, tão tristemente conhecido em extensa zona da provincia do Rio de Janeiro, e ameaçando já as provincias circumvizinhas, é conhecer exactamente a sua natureza e evitar todos os factores que favorecem o seu desenvolvimento e a sua dispersão.»

Segundo diz o auctor á pag. 10, com o auxilio do Prof. Cramer, de Zurich, de Bary de Strasburgo, Karsten de Berlin, Stahl de Iena, Drs. Hallier e Büsgen de Iena, Sorauer de Proskau, Dr. Stutzer de Bonn, Dr. Jäggi de Zurich, Christ de Bale, Trimen de Ceylão, Ward de Staines, Ihering (do Museu Nacional), Forel do Hospicio dos Alienados de Zurich, Kessler de Kassel, Löw de Vienna e Lichtenstein de Montpellier, chegou a determinar a causa da molestia como produzida por um verme de genero e especies nóvas as quaes chamou de *Meloidogyne exigua*.

Diz o Dr. Hempel, phytopathologista americano á serviço do Instituto Agronomico de Campinas, em numero do Boletim alí publicado de cuja data não me recordo, que a *Meloidogyne* éra a *Heterodera radicicola*, verme cosmopolita assolador dos cafeeiros de todo o mundo; e o Sr. Carlos Moreira, um dos actuaes chefes de serviço d'esta casa, diz-nos que o remedio aconselhado pelos tratadistas para a solução do caso é o sulfureto de carbono. Óra, isso pouco importa; o que nos importa e muito é que fóra d'esse trabalho, no Museu e nos Archivos o Dr. nada mais publicou. Mas de 1893 á 1894 e por conta da casa Francisco Alves & Cia., publicou tres livrinhos de zoologia popular, de divulgação que foram, com justiça, muito bem acceitos e dos quaes eu possuo um exemplar que naquella mesma casa comprei.

Os livrinhos do Dr. Goeldi tem, entretanto, os nomes scientificos que nós, zoologos, encontramos nos trabalhos mais antigos de Burmeister: Systematische Uebersicht der Thiere Brasiliens, — 1854; Ornithologie Brasiliens (1868) e Säugethiere — Resultate von Johann Natterer's Reisen, por August von Pelzeln — Wien — 1883.

E como nesses nomes scientificos, os referidos auctores não empregaram as regras da nomenclatura hoje adoptados pelos congressos de zoologia e necessitasse de illustrações, o Dr. Goeldi foi obrigado á uma corrigenda

que appareceu, ainda na casa Alves — onde tambem a comprei — em tres fasciculos de illustrações feitas pelo desenhista do Museu do Pará — Snr. Lohse — á vista de exemplares authenticados por auctoridades competentes — já quando o Dr. Goeldi éra director d'aquelle Museu. O titulo éra assim: — Museu Paraense de Historia Natural e Ethnographia — ALBUM DE AVES AMAZONICAS — organisado pelo — Dr. EMILIO GOELDI, Director do Museu Paraense e publicado por ordem de S. Excia. o Snr. Dr. JOSÉ PAES DE CARVALHO, Governador do Estado do Pará. — Desenhos do Snr. ERNESTO LOHSE, Desenhista-litographo do Museu Paraense — SUPPLEMENTO ILLUSTRATIVO A OBRA «AVES DO BRASIL», pelo Dr. Emilio Goeldi — Livraria classica de Alves & Cia., Rio de Janeiro, 1894-1900 (2 volumes) — Impressão do Instituto polygraphico A. G. Zürich (Suissa), 1900.

São estas estampas muito bonitas e feitas com muito gosto artistico — embóra custem um pouco caro, de módo a não ficarem accessiveis á todas as bolsas.

Foi n'um bonito artigo, como os sabe fazer a penna artistica de Bilac, referindo-se exclusivamente á um d'esses fasciculos, que o mavioso auctor da «Via Lactea» quiz se referir ao Museu, deprimindo-o.

Chamou-o de *ankylosado* porque o respectivo director não publicava por ordem do chefe do estado livros didacticos, illustrações de propriedades suas — e não as expunha á venda na Livraria Alves.

Estendi-lhe á medo, a mão amiga: mandei-lhe o XVI volume dos archivos, todo elle um trabalho dado gratuitamente ao povo...

Bilac guardou a lyra e emudeceu a voz, e... deixou a Deusa dos Poetas — a Justiça — completamente só...

Vou terminar; beijo-vos as mãos em despedida. Perdoai-me a rudeza do dizer; são módos de quem nasceu n'uma terra que muito preza a liberdade e que já produzio um Tiradentes.

Não me retiro, entretanto, antes de vos salientar o que foi e o que é a licção que o Coronel Rondon deixa ao alcance de todos. Elle mostrou que esta casa é digna de melhor conceito e de que modo se faz produzir um museu. Tudo isso sem palavras, com actos; e ahí é que cabe repetir «L'homme c'est l'œuvre».

Prova-o a sua acção simplicima. Um confronto numerico dos serviços feitos pelo Museu e pela commissão, nos permitte os seguintes dados:

MUSEU			COMM. RONDON	
Collecções-Numeros conhecidos				
100 annos	Média annual		8 annos	Média annual
5.160	51,5	Geologia e Mineralogia		
53.000	530,	Botanica	8.837	1.104
59.314	593,14	Zoologia	5.676	709
11.185	111,85	Anthropologia	3.380	422

Extensões exploradas - Kilometros quadrados

18.496 K. 662 [2]

Trabalhos publicados

46 annos			6 annos	
Pgs.	Estps.		Pgs.	Estgs
498	81	Geologia e Mineralogia	37	3
759	6	Botanica	398	178
1.189	105	Zoologia	141	39
803	34	Anthropologia	57	17
3.249	226		633	237
		Média annual (Desprezando fracções)		
70	4		105	39

Nessa comparação englobamos, á favor do Museu, todas as offertas e compras que, evidentemente não fazem parte do seu trabalho. Augmentamos, mesmo, as estatisticas das secções, como se vio na de botanica. No tocante ás publicações não foram contadas de parte á parte as materias estranhas ao assumpto aqui considerado — o que reduziria de muito o indice do Museu.

E apezar de todas essas vantagens, a Commissão Rondon, no que toca á todos os serviços das Sciencias Naturaes fez mais do que o Museu; e se entrarmos na apreciação economica, então, a differença é estupenda.

Onde a explicação de tão extraordinario facto?

Qual o segredo de que lançou mão o seu Chefe?

Nenhum segredo, nenhum recurso extraordinario. Uma simples conferencia de um quarto de hóra organisou o serviço — o resto foi feito com uma duzia de telegrammas. Não se mandou buscar ninguem nas nuvens nem na lua — empregou-se aquella gente de que já vos fallei e que eram apenas homens de bom senso e conhecedores do seu officio.

Eis ahí a prova material de que por tal módo é que se dará remedio aos males desta casa, males de que só são culpados os governos de todos os tempos.

O Coronel fez tudo quanto esta casa tem por fim fazer: *colligio material, estudou-o, publicando o resultado* d'esses estudos por meio de seus relatorios e até produzio as conferencias — agóra tão em móda e cousa que o Dr. Lacerda nunca conseguio não obstante pedil-as todos os dias!

E é de pasmar que o seu *unico regulamento* fosse aquelle pequenino trecho das instrucções Calmon que eu vos lí na minha primeira conferencia: «*estudar os recursos naturaes da região percorrida*».

---

2) Segundo o Capitão Jaguaribe de Mattos, Cartographo na Commissão.

Rondon não é só o homem bom e puro votado ao bem da Patria e que se elevou no conceito dos homens de sciencia pela maneira sábia com que desdobrou os seus serviços scientificos; Rondon é uma bandeira!

Fazendo sciencias naturaes elle enriqueceu a sciencia nacional, o Museu Nacional e, além d'isso, nos forceceu os elementos indiscutiveis para provar que o Brasil tem homens capazes e competentes e que o Museu só não tem correspondido á expectativa geral porque os governos não lhe tem sabido dar a conveniente orientação.

E assim, Rondon é ainda um benemerito para esta casa por tel-a defendido.

Honra e gloria ao seu Nome - Paz e Felicidade á sua santa Familia.

INDICE

		Pag.
1ª **Conferencia** —	Trabalhos da Commissão Rondon no campo das sciencias naturaes	5
	Trabalhos de campo	6
	Publicações (Mineralogia e Geologia)	8
	» (Botanica)	12
	» (Anthropologia)	14
	» (Zoologia)	14
	Estatistica	16
2ª **Conferencia** —	O Museu Nacional segundo dados officiaes e officiosos	21
	Secção de geologia, mineralogia e paleontologia	23
	» » botanica	24
	Anthropologia e geologia	27
3ª **Conferencia** —	O que deve ser o Museu e a licção de Rondon	39

15-101